

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TAMIRES FERNANDA BAPTISTA FRASSON

**FANZINES COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO
ATRÁS DAS GRADES: PROCESSOS EDUCATIVOS
ATRAVÉS DA ARTE**

SÃO CARLOS - SP
2024

TAMIRES FERNANDA BAPTISTA FRASSON

**FANZINES COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO ATRÁS DAS GRADES:
PROCESSOS EDUCATIVOS ATRAVÉS DA ARTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, junto à linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Débora Cristina Fonseca

São Carlos - SP
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Tamires Fernanda Baptista Frasson, realizada em 13/08/2024.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Debora Cristina Fonseca (UNESP)

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar)

Prof. Dr. Gazy Andraus (UFG)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Dedico este trabalho aos educandos do Centro de Ressocialização de Jaú – S.P.

*“É necessário sempre acreditar que um sonho é possível,
que o céu é o limite,
e você, truta, é imbatível.”*

RACIONAIS MC's

Poesia (?) pelos/dos Direitos Humanos no Brasil

Há poesia quando se trata de Direitos Humanos no Brasil?

Há poesia dos Direitos Humanos no Brasil.

A poesia pelos Direitos Humanos no Brasil:

Falo daqui

Se do centro ou da margem

Não dá para definir

Depende do ponto de vista

Não de quem vê

Mas... em quem arde

E parte...

Agora é tarde.

Agora é tarde?

Não, nunca é tarde!

É preciso mover

É preciso dizer

São 200 mil pessoas em situação de rua

Quase 800 mil privadas de liberdade

Somos o quinto país que mais mata mulheres apenas por serem mulheres

E arde...

Sem falar de raça

Sem falar de religião

Sem falar dos povos originários

E continua ardendo...

Infelizmente, nada disso é do nosso imaginário

Mas, ainda há poesia?

Vulnerabilidade social

Acesso desigual

Políticas públicas ineficazes

Minimizar agravantes, parece não ser a principal vontade

Investimento em cultura e esporte não é a realidade

É desemprego ou subemprego

Condições escassas de se viver com dignidade

Marginalização e exclusão:

Ou se está na margem

Ou nem nela cabe

Fica fora

Fora de que?

Fora de onde?

Se os centros não funcionam sem essa mão de obra barata

Sem o capital humano?

E ainda dizem que está tudo normal

Tudo nos conformes

Inventaram o termo “insegurança alimentar”

Para mascarar a fome

É miséria e desilusão

Sonhar? Só se for com a possibilidade de comprar o pão

Infraestrutura urbana é luxo

Se tem moradia, já está mais do que bom

Saúde, lazer, educação?

*Aí já é demais
Não dá para prometer, não...*

*Infâncias roubadas
Calamidade decretada
E o fim disso tudo, já sabemos:
É a não garantia de nossos direitos*

*A não ser que nos levantemos
E LUTEMOS!*

*É ir pro combate
É resistir*

Nunca é tarde!

*É preciso mover
É preciso dizer*

*Nunca é tarde
Porque ainda arde
Porque ainda há a arte.*

*Porque ainda há gente.
As gentes.
Porque ainda há a gente.
Agente.*

Em frente!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me conduzido e auxiliado até aqui. Sem Ele, eu realmente não conseguiria. Quando eu estava sem forças e pensava em desistir, era Ele que me reanimava e me lembrava do quanto continuar e concluir esta pesquisa era importante.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe Eliane e aos meus avós Aparecida e Osvaldo, esse trio que, mesmo não entendendo ao certo o que eu estava fazendo e ainda faço, sempre colaborou com minha formação, seja ela pessoal ou profissional, me apoiando em minhas decisões e torcendo, na primeira fila da plateia, para que tudo desse certo em minha vida.

Agradeço às amigas e amigos que tiveram paciência comigo nesse processo, principalmente no final. Pois, em meio a tanto caos pessoal, não me deixaram desistir e me incentivaram até o último segundo – ou até a última página. Elas e eles que sempre acreditaram em mim - às vezes, até mais do que eu mesma.

Meus sinceros agradecimentos à professora Elenice Maria Cammarosano Onofre, pelas orientações iniciais, à professora Débora Cristina Fonseca, pela orientação no desenvolvimento do trabalho e pela paciência, e aos professores Osmar Moreira de Souza Júnior e Gazy Andraus, pela participação nas bancas de qualificação e defesa.

Meus agradecimentos à direção do Centro de Ressocialização de Jaú, por toda atenção e suporte durante a realização da pesquisa, em especial à senhora Diretora Vera Lúcia da Silva e ao Marcos Santos, responsável pelo setor de trabalho e educação da unidade.

Agradeço, também, aos educandos do CR Jaú, não só aos participantes da pesquisa, mas a todos aqueles que, de certa forma, me ensinaram muito durante meu período enquanto educadora naquele espaço. A liberdade “vai cantar”!

Por fim, agradeço a mim mesma, por não ter desistido e ter chegado até aqui em meio a tantos desafios e obstáculos - não só durante este processo. Minha criança interior se orgulha bastante por isso. É por ela, é por mim, é por nós!

RESUMO

Ao pensar em possibilidades da educação dialógica em espaços de restrição e privação de liberdade, a proposta deste trabalho coloca suas lentes em uma ação pedagógica que pode promover autonomia para as pessoas que ali se encontram: a produção de fanzines. A escolha pelo tema se deu pela união das artes com a linguagem. Assim, os objetivos deste estudo são: investigar os processos educativos que emergem da produção de fanzines em oficinas realizadas com educandos em um espaço de restrição e privação de liberdade; analisar os fanzines como recurso pedagógico utilizado em atividades escolares e não escolares e como se dá sua aplicação; identificar como os fanzines podem permitir momentos de expressão e contribuir com o processo de humanização dos participantes das oficinas; avaliar as produções realizadas nas oficinas e, a partir delas, a promoção de aprendizagens significativas dos educandos da unidade prisional. Dessa forma, na primeira etapa foi utilizada a pesquisa bibliográfica, realizando a revisão sistemática do tema. Considerando que a postura que se assume neste estudo está embasada nos preceitos freirianos, portanto, humanizante e libertadora, para responder à questão da pesquisa, no trabalho de campo o exercício foi o da convivência na aproximação entre pesquisadora e participantes, na afetividade e no diálogo. Como segunda etapa, foi realizada a pesquisa-ação, com oficinas no Centro de Ressocialização de Jaú – S.P, durante as aulas de Arte, com as duas turmas multisseriadas do Ensino Fundamental II. A partir do desenvolvimento das oficinas, foi possível obter dados sobre os processos educativos emergentes da arte, como: autonomia, desenvolvimento da autoconfiança e da confiança no outro, dialogicidade, atenção, interesse, dedicação, motivação, frustração, respeito às diferenças e criatividade. Além disso, a pesquisa apresenta a potencialidade da expressão, a humanização e a promoção de aprendizagens atrás das grades por meio das produções dos fanzines. Nesta pesquisa também constatamos que há poucos trabalhos sobre fanzines nesses espaços. Portanto, consideramos que é necessário dar mais importância para o tema, já que ele se mostrou relevante em seus resultados. Esperamos que este trabalho seja lido não só por pessoas da área acadêmica. Mas, principalmente, que ele chegue a pessoas que estão privadas de sua liberdade, inspirando-as e mostrando-as novos caminhos a partir da arte.

Palavras-chave: processos educativos; fanzines; prática social; espaços de restrição e privação de liberdade.

ABSTRACT

In thinking about possibilities for dialogic learning inside spaces of restriction and deprivation of liberty, the proposal of this paper focuses on a pedagogical action that can promote autonomy for people in this situation: the production of fanzines. This theme was chosen due to the combination of Arts and Language. Therefore, the purposes of this research are: to investigate the educational processes that emerge from the production of fanzines during learning workshops held with students in a space of restriction and deprivation of liberty; analyze fanzines as a pedagogical resource used in school and non-school activities and explore ways to apply it; identify how fanzines can provide moments of self-expression and contribute to the process of humanization of the workshop participants; evaluate the creations made in the workshops and, based on them, promote a meaningful learning for the incarcerated students. Thus, bibliographical research was used in the first stage, conducting a systematic review of the topic. Considering that the stance adopted for this study is grounded on Paulo Freire's principles, which means, humanizing and liberating, in order to answer the questioning raised by the research, it was exercised in the fieldwork the interaction and relationship of proximity between the researcher and the participants, based on affectivity and dialogue. That way, as a second stage, an action research was carried out with learning workshops at the resocialization center located in Jaú, São Paulo, during Art lessons with two multi graded classes of middle school. From the development of the workshops, it was possible to obtain data on the educational processes emerging from art, such as: autonomy, development of self-confidence and trust in others, dialogicity, attention, interest, dedication, motivation, frustration, respect for differences and creativity. Furthermore, the research presents the potential for expression, humanization and the promotion of learning behind bars through fanzine productions. In this research we also found that there are few works on fanzines in these spaces. Therefore, we consider that it is necessary to give more importance to the topic, as it proved to be relevant in its results. We hope that this work will be read not only by people in the academic field. But, mainly, that it reaches people who are deprived of their freedom, inspiring them and showing them new paths through art.

Keywords: educational processes; fanzines; social practice; spaces of restriction and deprivation of liberty.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1, 2 e 3: Fanzines feitos em salas de aula	22
Figuras 4 e 5: Zines do coletivo Literocupa (Jaú S.P) em exposição cultural	32
Figura 6: Capa do zine “A poesia salva – 1ª edição”	52
Figura 7: Página do zine “A poesia salva – 1ª edição”	52
Figura 8: Capa do zine “A poesia salva – 2ª edição”	53
Figura 9: Página do zine “A poesia salva – 2ª edição”	53
Figura 10: Parte do zine “Expressão e conteúdo”	54
Figura 11: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	58
Figura 12: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	58
Figura 13: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	59
Figura 14: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	59
Figura 15: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	60
Figura 16: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	60
Figura 17: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	61
Figura 18: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	61
Figura 19: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	62
Figura 20: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	62
Figura 21: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	63
Figura 22: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	63
Figura 23: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	64
Figura 24: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	64
Figura 25: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	65
Figura 26: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	65
Figura 27: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	66
Figura 28: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	66
Figura 29: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	67
Figura 30: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	67
Figura 31: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	68
Figura 32: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	68
Figura 33: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	69
Figura 34: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	69
Figura 35: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	70
Figura 36: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	70
Figura 37: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	71
Figura 38: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	71

Figura 39: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	72
Figura 40: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	72
Figura 41: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	73
Figura 42: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos	73
Figura 43: Capa Fanzine “Conflito de Mentes – vol. I”	76
Figura 44: Capa Fanzine “Conflito de Mentes – vol. II”	76
Figura 45: Capa Fanzine “Conflito de Mentes – vol. III”	77
Figura 46: Detalhes da costura dos fanzines	79
Figura 47: Os fanzines finalizados	79
Figura 48: Nuvem de palavras – percepções dos educandos sobre a produção dos fanzines	89
Figuras 49 e 50: Ilustrações produzidas por educandos do C.R Jaú	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Revisão sistemática	34
Quadro 2: Pesquisas realizadas de 2019 a 2023	40
Quadro 3: Títulos com relação ao tema	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pesquisas realizadas por ano	39
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Sobre ser poeta, educadora e pesquisadora – processos de mim, mas não para mim.....	16
1.2 Além dos muros (e das grades): sobre a importância de respeitar os processos educativos nas práticas sociais pesquisadas.....	20
1.3 Delimitação do tema e objetivos da pesquisa	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
2.1 Pesquisa humanizante e libertadora	24
2.2 Educação como Prática Social	28
2.3 Educação para os espaços de restrição e privação de liberdade	29
2.4 Os fanzines e a autonomia	31
2.5 Revisão sistemática	34
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	43
3.1 O estabelecimento de vínculos e afetividade através do diálogo.....	43
3.2 Pesquisa-ação.....	44
4 RESULTADOS E ANÁLISE.....	49
4.1 As oficinas	49
4.1.2 Os encontros com a arte	49
1ª Oficina – Descobrindo o universo dos fanzines	49
2ª Oficina – Lápis e papel: as ideias sendo transformadas nos primeiros textos....	55
3ª Oficina – Recortando e colando pensamentos.....	57
4ª Oficina – Inspiração pós-Copa.....	74
5ª Oficina – FinalizaÇÃO: juntando e organizando as produções.....	75
6ª Oficina – O acabamento: a materialização do pensar e sentir	78
4.2 Discussão dos resultados	82
4.2.1 Os processos educativos encontrados através da arte.....	82
4.2.2 A expressão e a humanização atrás das grades a partir dos fanzines.....	86
4.2.3 A promoção de aprendizagens por meio das produções	88
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE A – Fanzine: a arte de se comunicar.....	96
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	98
ANEXO A - Termo de obtenção de anuência para realização de pesquisas.....	102

1 INTRODUÇÃO

1.1 Sobre ser poeta, educadora e pesquisadora – processos de mim, mas não para mim

*o caos da matéria
 aglomerado num corpo confuso
 somado à beleza de uma alma
 que floresce a cada segundo
 resulta num ser intenso
 porém, incompleto
 perdido nesse universo
 conjugando em silêncio
 o mais complexo dos verbos:
 "viver"*
 (FRASSON, 2019, p. 8).

Não poderia começar este texto sem antes contar quem e o que sou, em que e como acredito, e por fim, mas não menos importante, de onde falo. A junção disso surge a partir das minhas vivências, que irei contextualizar aqui.

Como uma inconformada, escrevi, desde os meus dez anos de idade, poesias que representassem meu estado de espírito e minhas inconformidades cotidianas, o que, parcialmente, gerou e geriu um livro, publicado em 2019, intitulado de “Das inconformidades do cotidiano: poesias, versos e relatos”, dedicado aos inconformados. Depois, surgiu o “Das (ins)urgências do ser”, um livro-zine lançado em 2022.

Antes disso, em 2016, fundei, com amigas e amigos, o Literocupa, coletivo cujo objetivo inicial era “apenas” o de “espalhar poesias por aí”... Organizamos saraus, viradas culturais independentes, oficinas (inclusive de fanzines), rodas de conversa e fundamos a primeira biblioteca comunitária da cidade de Jaú, que ficava (e ficou por 2 anos) na garagem de minha casa, no Jardim Itatiaia. Na Biblioteca, recebíamos a população do bairro e até de outros bairros, que iam sedentos por livros (nosso acervo contava com cerca de 3 mil obras), cultura e conhecimento. Quando passei no processo seletivo do mestrado, resolvi transferir a Biblioteca para o espaço do Cursinho Popular Jaú, onde eu também já lecionei e fui coordenadora pedagógica.

Sendo a única pessoa da família a pisar em uma faculdade, e depois em uma universidade, desde pequena acompanhei as dificuldades em me manter firme. Filha de mãe solo, fui ter o sobrenome do meu pai na certidão de nascimento somente aos

10 anos de idade. Antes disso, era como se eu não tivesse pai. Aliás, não considero que o tenho, mas, oficialmente falando – pelas leis e regras sociais, tenho. Até minha primeira graduação, minha mãe não tinha concluído o ensino médio. Inspirada e incentivada por mim, voltou aos estudos, concluindo-os e chegando à faculdade de Serviço Social (que sempre foi seu sonho).

A poesia me levou a lugares nunca imaginados – não somente no campo físico. Através dela, conheci as grades existentes em espaços que foram criados para somente punir. E, com ela, consegui, metaforicamente falando, mostrar que toda prisão pode ser apenas uma caixa imaginária – nem que seja por algumas horas, numa oficina ou num sarau. O que me incentivou a entrar nesses espaços foi a vontade de entender alguns porquês, considerando que já tive familiares que passaram pelo sistema, inclusive, um primo, criado comigo, que não sobreviveu (Leonardo – *in memoriam*).

*terça-feira
31 de outubro de 2017
mais um dia comum
ou seria menos um?*

*menos um
menos um dia
menos um detento
mais um para as estatísticas
engolido pelo veneno*

*menos um
dos que lutam contra a própria sorte
acordam no meio de mais de uma dúzia
e vão dormir com medo da morte*

*o correr dos ponteiros do relógio
é um pedido de renúncia
denúncia!
mais uma vítima do sistema prisional
seu nome:
Leonardo Felipe Baptista
21 anos e todo o resto da vida*

*não estamos mais em 1800
ou 1992
Carandiru, 111 mortes
mas continuam massacrando pessoas
enfiando-as em celas superlotadas
despindo-as de seus sonhos e direitos
além de suas próprias roupas*

*crime que mais encarcera:
tráfico de drogas
entre parênteses - pobres
enquanto os engravatados
seguem livres
andando em seus blindados*

*3º país no ranking mundial
são mais de 700 mil pessoas
privadas de liberdade
em âmbito nacional*

*30% são jovens
60%, negros
40% nem sequer foram julgados
50% têm apenas o ensino básico
e a maioria troca sua força de trabalho
por míseros trocados*

*os números não nos deixam esquecer
de que a desigualdade social existe
mas também nos lembram
que vivemos numa sociedade hipócrita
onde a ignorância persiste*

*Racionais já disseram tudo isso
em "Diário de Um Detento"
mas mesmo depois de quase 20 anos
o que prevalece é a falta de argumento*

*este poema é por todos aqueles
que são tidos como "o problema"
varridos como sujeira
para de baixo do tapete
deixando o rastro de poeira*

*por todos aqueles que têm
suas características e particularidades
trocadas por um número
a subjetividade, por um uniforme
imundo
e que se ousarem gritar por respeito
levam furo*

*até quando vocês vão viver à mercê
das notícias que passam na TV?
transformam as vítimas das mazelas sociais
em opressores
enquanto os que oprimem de verdade
têm cadeira no Senado
e votam leis*

de acordo com as próprias vaidades

*e se lutar para fazer valer os Direitos Humanos
é defender bandido
dá licença então,
que eu vou ali passar meu pano...
(Frasson, 2019, p. 63 e 64).*

Os caminhos me levaram a crer que eu poderia – e deveria – fazer muito mais. Não por mim, nem para mim. A partir disso, cheguei à área da educação. Após ter cursado uma graduação pela mera paixão e sonho de infância (jornalismo), cheguei às Letras.

Minha adolescência foi marcada por muita rebeldia e nem sempre por boas notas no boletim. Então, entrar em uma escola enquanto educadora me transformou no que eu nem poderia imaginar que seria o melhor de mim (que rima irônica). E minha primeira aula ministrada só confirmou isso. Eu estava ali para fazer a diferença e para acreditar numa possível transformação – coisa que comigo, enquanto educanda, não aconteceu: dentre algumas razões, possivelmente educadores que acreditassem.

Mais caminhos percorridos pela via da docência escolar até chegar a uma unidade prisional. Agora, não mais apenas só como poeta, e sim, também, como educadora. Gostar bastante de livros sempre foi algo marcante, por transparecer em meus diálogos e aulas. Não poderia ser diferente nesse lugar. Inconformada, como sou, o pensar que poderia fazer mais por aquilo e por aqueles me levaram a buscar e a querer, também, pesquisar sobre.

Em primeiro momento, não posso deixar de compartilhar o quanto me senti confortável com os primeiros estudos no mestrado. O (des)confortável prazer em me perceber humana, principalmente na linha de pesquisa em que me inseri, “Práticas sociais e processos educativos”, no eixo 2, “Educação em espaço de restrição e privação de liberdade”. Quando falamos em pesquisa, pensamos, inevitavelmente, em coisas e processos burocráticos, “academizados”, não-humanos. E, já na primeira semana de inserção nesse mundo novo, chamado universo acadêmico, deparar-me com estudos desse formato, fez com que eu me sentisse pertencente a isso – o que me causava medo antes. Assim, o significado de tudo acaba tomando novas formas, novos sentidos.

O ato de pesquisar na área da educação deve ser pensado como uma

ambição, não para o ego, mas para a construção de novos mundos, de novas realidades, de novas perspectivas e de novas comunidades – através dos diálogos e das conexões criadas. Isso se torna algo ainda mais importante quando a realidade é esta: eu, em minha liberdade, tentando estabelecer possíveis conexões com pessoas privadas dela, em um espaço feito para a não-expressão – e não-conexões.

Reconhecer e reformular caminhos e propostas também deve ser uma ferramenta nossa, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, nesse ato. Não temos, e nunca teremos, todas as respostas que sejam aplicáveis, mas, a proximidade com as questões, a forma como me insiro nelas, pode auxiliar em um trabalho profícuo e que auxilie na pavimentação dessas rotas, em conjunto com os alunos (e professores).

Importante também ressaltar que minha realidade não é a única existente. Dito isto, compreendo as diversidades e divisões existentes, principalmente, ao pesquisar. Conhecer as diferenças e entender que em alguns momentos (na maioria deles, aliás), terei de ouvir intensamente, para poder enxergar. Sujeito do ato, para pesquisar, também parte integrante do estudo, e esse “ato de estudar, no fundo, é uma atitude em frente ao mundo” (Freire, 1981, p. 11). Estando frente ao mundo não quer dizer ser a potência principal, mesmo sendo às vezes a protagonista. Mas, sim, uma parte do todo, e para entender isso é preciso humildade. Se em meu ato de pesquisa eu não entender isso e não perceber a sensibilidade presente nisso, corro o risco de produzir somente para mim – e não é esse o objetivo.

Dessa forma, humanizando meu processo de pesquisa, se eu não me silenciar para aprender, estarei apenas reproduzindo coisas prontas, “dentro de um moinho de palavras e citações que se apoiam comodamente no discurso ideológico” (Bosi, 2003).

É preciso se aproximar do(s) sujeito(s) da pesquisa. Mas, antes, desfazer-se das reproduções que nos impedem de enxergar. Poeticamente falando, deixar meu “eu” de lado para compreender o “nós”.

1.2 Além dos muros (e das grades): sobre a importância de respeitar os processos educativos nas práticas sociais pesquisadas

Estar inserida na linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” me permite a reflexão sobre o porquê pesquisar processos educativos em práticas sociais e para quê. Daí, a compressão de que essa visão será recondicionada pelos

caminhos que foram percorridos em minha pesquisa, conforme discorro a seguir.

Assim, é preciso se aproximar do sujeito da pesquisa e ter sensibilidade para isso. Não apenas para observá-lo, mas para compreendê-lo, inserindo-se na realidade que o mesmo/os está/estão, entendendo a diversidade dos contextos e seus espaços.

Entendemos que as pesquisas junto a pessoas e grupos, principalmente os socialmente “marginalizados”, devem ser realizadas após cuidadosa e paciente inserção dos pesquisadores na comunidade, na instituição, no espaço social, num conviver, realizada em interação e confiança (Oliveira *et al.*, 2014, p. 40-41).

A partir disso, pesquisar em um espaço de privação e restrição de liberdade, sendo também educadora, exige que eu deixe do lado de fora a Tamires professora em outras escolas e a Tamires em outros contextos (a jornalista, a poeta), para me tornar integrante daquele espaço e participante daquele grupo. Por isso, a humildade é o fator crucial desse envolvimento: tanto para eu aprender quanto para poder ensinar.

Considerar que o lugar é um espaço onde já existem práticas sociais também faz parte do processo de envolvimento. As regras lá existem, criadas para e por eles. São sujeitos individuais que acabam tendo suas subjetividades aprisionadas, restringidas, limitadas ao entrar no sistema carcerário, vestindo um uniforme, ganhando um número (a matrícula). E aí, essa descaracterização os levam ao coletivo: pessoas diferentes, em uma mesma situação.

Vejo que, então, as práticas sociais que lá existem são as formas como eles se organizam e se relacionam, reestruturando o ambiente, de acordo com suas necessidades e inserindo seus conhecimentos de mundo nas rotinas. Essas práticas sociais, segundo Oliveira *et al.* (2014, p. 33),

decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. (...) e constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla.

Das práticas sociais, temos os processos educativos, que se dão na forma como um orienta ao outro, seja quando é novo na cela/unidade, seja quando algo saiu fora do formato como se organizam. Há os que já foram para lá tendo terminado os estudos aqui fora (alguns têm até ensino superior), e há os que chegam lá sem saber

ler e escrever. Nesses processos educativos, um auxilia o outro, um ensina ao outro.

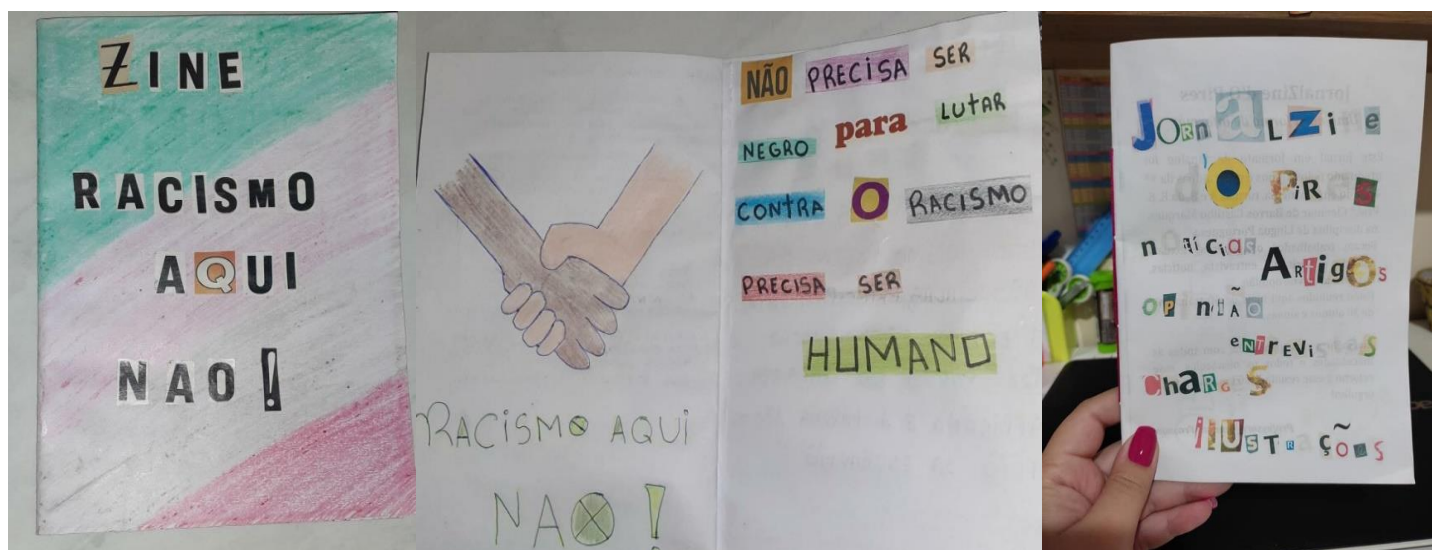
Eu, como educadora e, agora, como pesquisadora, preciso ter esse olhar, esse entendimento, para me colocar na mesma linha que eles. Afinal, não sou a única ali a ensinar. Outros já fazem esses processos entre eles enquanto não estou lá. E me colocar na mesma linha é respeitar os mesmos e construir, juntos, práticas sociais, ao invés de afastá-los ou desconsiderá-los. Feito isso, como afirma Oliveira *et al.* (2014, p. 38), “voltamos um olhar crítico ao estabelecido monopólio pedagógico de sistemas educacionais, que pretendem, muitas vezes, deter o único meio pedagógico capaz de educar”.

1.3 Delimitação do tema e objetivos da pesquisa

A escolha pelo tema da presente pesquisa se deu pela união das artes com a linguagem. Eu, enquanto educadora, leciono Arte e Língua Portuguesa.

Como recurso didático, tenho me utilizado de uma mídia artística e comunicacional que ainda é pouco conhecida na área acadêmica, a despeito de já haver autores/as e pesquisadores/as que lidam com ela: o fanzine, que é uma revista auto publicada e que permite a vazão de ideias, artes e o que se queira a partir da liberdade da autoexpressão. Por isso, o fanzine sempre foi uma ferramenta usada por mim na sala de aula, como recurso pedagógico, juntando as duas disciplinas e me fazendo analisar o quanto ele poderia colaborar com o processo de ensino-aprendizagem.

Figuras 1, 2 e 3: Fanzines feitos em salas de aula



Os fanzines acima apresentados foram produzidos por estudantes de ensino fundamental, oitavo ano (figuras 1 e 2) e de ensino médio, primeira série (figura 3), de escolas públicas diferentes, porém localizadas em contextos marginalizados.

Accioly (2020), em sua pesquisa sobre a escrita nas prisões cearenses, apresentou com ênfase o fato de que “poucos são os trabalhos que, ao se debruçar sobre o fenômeno das prisões, deram atenção à presença da escrita das pessoas custodiadas nestas instituições”, o que também incentivou a realização do presente trabalho.

Assim, no ambiente prisional, o fanzine surge com um outro olhar: como que processos educativos podem ocorrer em oficinas de fanzines realizadas com educandos de um Centro de Ressocialização?

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é investigar os processos educativos emergentes da produção de fanzines em oficinas realizadas com educandos em um espaço de restrição e privação de liberdade. Este objetivo geral desdobra-se em objetivos específicos:

Analisar os fanzines como recurso pedagógico utilizado em atividades escolares e não escolares e como se dá sua aplicação;

Identificar como os fanzines podem permitir momentos de expressão e contribuir com o processo de humanização dos participantes das oficinas;

Avaliar as produções realizadas nas oficinas e, a partir delas, a promoção de aprendizagens significativas dos educandos da unidade prisional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Pesquisa humanizante e libertadora

“O que significa na realidade ser latino-americano? O que é que me define e me distingue de todo outro grupo humano? Como poderia explicar meu “sentido”, meu mundo, meu projeto, as mediações que conduzem à sua realização?” (Dussel, 1974, p. 33). A partir desses questionamentos de Dussel, passamos, então, às reflexões sobre como o horizonte eurocêntrico, ao qual fomos impostos, influencia na construção de uma modernidade, que é pensada como um fenômeno exclusivamente europeu (Dussel, 2007). Dessa forma, afirmamos que, ainda segundo Dussel, a Europa, tida como centro do sistema-mundo, não considera as demais culturas existentes, que são tidas como “primitivas” e “atrasadas”, causando a marginalização de demais traços culturais ameríndios e africanos, como nível inferior, enquanto formas de pensar de matriz europeia são postas como modelo e padrão único de cultura e humanidade. Assim, ressaltamos que a base histórica do Brasil foi fundada no silenciamento da diferença a partir dessa cultura eurocêntrica.

Diante disso, temos uma alienação do sujeito da cultura popular, em que Freire (1978) expõe que o domínio cultural depende de as pessoas acreditarem que são “ignorantes de tudo”: absolutização da ignorância para as classes populares. Com isso, a educação das massas é construída a partir da perspectiva política fundamental, onde a estratégia de legitimação da superioridade cultural europeia cria reflexos na cultura escolar, com a criação de ambientes escolares monoculturais e homogeneizantes, que abordam apenas uma perspectiva cultural, eurocêntrica, prejudicando a formação de identidades positivas pelos distintos grupos que compõem a sociedade.

Para romper com isso, é preciso desvelar experiências vivenciadas por aqueles que estão nas exterioridades (Dussel, 1974); subordinar a ciência à dignidade humana (Camarena, 1999); estabelecer diálogos entre diferentes formas de compreensão (Borges; Brandão, 2010); libertar-se das referências, mas não as apagar, e sim criticar as condições de mundo e de epistemologia que lhes sustentam. Dito isto, há a suposição de que pouco ou nada se aprende nas práticas sociais protagonizadas por pessoas de grupos desqualificados socialmente (prostitutas, homossexuais, usuários de drogas, pessoas em privação de liberdade, povos da floresta, entre outros) (Borges; Brandão, 2010). Porém, resultado de estudos e

investigações em diálogo com pessoas que fazem parte desses grupos mostram que eles produzem saberes, valores e modos de perceber a situação em que vivem, além de criarem estratégias para encaminhar os problemas com os quais se deparam.

Para chegarmos a essas pessoas, em que existem inúmeras práticas em iniciativas populares e que nos dizem muita coisa, é preciso que o pesquisador e a pesquisadora entendam a dimensão coletiva e refaçam um exercício de postura, interpretando e compreendendo as representações e visões de mundo dessa população (Valla, 1998).

Chegamos, então, no ponto-chave deste tópico: a pesquisa humanizante e libertadora. As reflexões feitas a partir dos/das autores/as apresentados/as nos propõem romper com a verticalidade e o dualismo implicados na relação pesquisador/a-pesquisando/a, apresentando, também, que o pesquisador e a pesquisadora devem reconhecer os participantes como sujeitos capazes de produzir cultura e conhecimento em suas relações com os outros no mundo (Freire, 1981), para ser possível ter coerência com a prática educativa dialógica, considerando que as pessoas não devem ser percebidas como objeto de estudo, mas sim como participantes da pesquisa que colaboram com a investigação realizada.

A aproximação entre pesquisador/a e participantes demanda tempo, reflexões constantes, disposição e sensibilidade para conhecer o universo temático, para criar vínculos de confiança e empatia (Sousa, 2002). Para isso, é preciso respeito com as pessoas, abundância de diálogo, afetividade e convivência.

Nessa perspectiva teórico-metodológica compartilhamos com Araújo-Oliveira (2014) que a compreensão de caminhos para a prática da libertação só acontece quando “suleamos” pessoas. Assim a autora se manifesta:

Abordar categorias como totalidade, exterioridade e exclusão, práxis de libertação, proximidade, diálogo, entre outras, na perspectiva do “Sul”, isto é, a partir das condições de vida da população afetada pelos efeitos da colonialidade, forneceu sustento para situar realidades que, embora não sejam para nós totalmente desconhecidas, requerem, por uma parte, maior e mais abrangente poder explicativo, por outra, elas contribuem com o empenho de diminuir a exclusiva preeminência do pensamento eurocentrado (Araújo-Oliveira, 2014, p. 47).

A autora esclarece como é importante rever alguns conceitos, como o “nortear”, e explica o sentido e significado do termo “sulear”, que, segundo ela, “expressa a intencionalidade de dar lugar e se abrir para diferentes e diversas fontes de produção

de saberes e conhecimentos e, sem desqualificar ou menosprezar nenhuma, colocá-las em diálogo” (p. 48). Diante do exposto, entendemos que

[...] tradicionalmente, nortear, no sentido de fornecer ou imprimir orientação no campo científico, tem significado de adotar teorias, enfoques, compreensões, intervenções e soluções geradas a partir de problemáticas, ideologias e entendimentos próprios da Europa, primeiro, e da região do Atlântico Norte, depois, regiões estas que impuseram e mantiveram a colonialidade das outras regiões. Mais do que isso, reforçaram a ideia de superioridade/inferioridade tomando a si próprios como referência, modelo padrão ou “normalidade” (Araújo-Olivera, 2014, p. 48-49).

Isso conforme Araújo-Olivera (2014), também influencia nas representações ou projeções cartográficas, que reforçam a ideia de superioridade/inferioridade. Dito isto e diante dessas reflexões, a autora discorre de como é necessário que se façam interpretações, análises e criação de instrumentos metodológicos que mostrem “que a América Latina não é somente o lugar objeto do conhecimento, é também o espaço em que se produzem teorias” (p. 50), valorizando as maneiras próprias dos indivíduos e das comunidades, não mais subalternizando e sim considerando as contribuições a partir da realidade da América Latina. Assim, é preciso passar a ser, enquanto latino-americano, protagonista histórico, e não mais coadjuvantes da própria história, contada sob a ótica eurocentrada.

Entendidas essas proposições, somos levadas/os a refletir sobre o fundamental reconhecimento do direito das pessoas que serão os sujeitos da pesquisa, o que requer da pesquisadora/pesquisador o não-autoritarismo, respeitando “as compreensões e os significados que os sujeitos da pesquisa geram sobre si e sobre o mundo na sua leitura da realidade” (p. 54), ou seja, conforme a autora: olhar, indagar, analisar desde “los de abajo”. Daí, os desafios para a pesquisa, situando-se a partir do lugar da vítima.

Segundo Araújo-Olivera (2014 p. 58-59), o trabalho de pesquisar e investigar assume uma postura política e ética,

[...] implica se colocar no lugar das vítimas para desvelar o oculto, o invisibilizado, o naturalizado, de maneira que se denunciem as causas da não possibilidade da reprodução de vida digna e contribuir para “transformar a norma, ação, instituição, ou estruturas que causam tal negação na vítima” (Dussel, 2001, p. 383). É a partir destas compreensões que se adota uma atitude ÉTICO-CRÍTICA com vista a simultaneamente construir “ciência” e assumir, a partir de uma racionalidade emancipadora, o compromisso social de contribuir no processo de humanização, como sublinhado por Freire. Assim, a pesquisa (...) é assumida como forma e instrumento de luta de

comunidades e movimentos sociais com os quais o pesquisador está comprometido, visando, além da construção de conhecimento, contribuir com as ações daqueles, bem como evitar distorções, formular, ou avaliar políticas públicas.

Nesse ponto,

a postura científica, crítica, compromissada de pesquisadores que aliam seu trabalho acadêmico às lutas das vítimas e se envolvem na práxis do povo e impulsionam políticas públicas visando remover barreiras, diminuir desigualdades, avançar na conquista do bem comum, tendo como horizonte a efetivação da vida digna (Araújo-Olivera, 2014, p. 60).

A autora também expõe como o situar-se a partir do lugar das vítimas e o conviver, inserir-se no espaço do outro, participar, estar junto, propõem construções de diálogos e reflexões gerados na proximidade. Portanto, não há como pesquisar sem inserir-se na realidade do outro, para compreender e colaborar com a luta para a libertação desse outro – considerado vítima, considerado oprimido.

Nessa mesma perspectiva, com base nos estudos de Freire (2011), refletimos sobre a importância de conhecer outras realidades e da importância de se estar a par da compreensão do mundo que o povo esteja tendo:

Compreensão do mundo que, condicionada pela realidade concreta que em parte a explica, pode começar a mudar através da mudança do concreto. Mais ainda, compreensão do mundo que pode começar a mudar no momento mesmo em que o desvelamento da realidade concreta vai deixando expostas as razões de ser da própria compreensão tida até então (Freire, 2011, p. 38).

Ou seja: “perceber criticamente a importância do senso comum e que nele há bom-senso” (Freire, 2011, p. 36). Este autor ressalta a necessidade de se transformar o discurso de falar *ao* povo em *com* o povo. Assim, Freire interliga a esperança à libertação, através da condução dos sujeitos à compreensão mais crítica da realidade e da situação que os oprime – não os libertando, mas a “um passo de superá-la, engajando-se na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão” (2011, p. 44). Complementando esse pensamento, Freire afirma que “enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica” (2011, p. 45).

Finalizando e continuando a ligação entre a pedagogia da esperança à pedagogia do oprimido, Freire ensina:

Aí está uma das tarefas da educação democrática popular, da Pedagogia da esperança – a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo bla-bla-blá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfila as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular – a da linguagem como caminho de invenção da cidadania (Freire, 2011, p. 56).

[...] a questão fundamental da leitura da palavra, sempre precedida pela leitura do mundo. A leitura e a escrita da palavra implicando uma releitura mais crítica do mundo como “caminho” para “reescrevê-lo”, quer dizer, para transformá-lo. Daí a necessária esperança embutida na Pedagogia do oprimido. Daí, também, a necessidade, nos trabalhos de alfabetização numa perspectiva progressista, de uma compreensão da linguagem e de seu papel antes referido na conquista da cidadania (Freire, 2011, p. 61).

Freire (2011) também apresenta como a importância da posição assumida contra os sectarismos que, “ao mesmo tempo que nega a história como possibilidade, gera e proclama uma espécie de ‘fatalismo libertador’ (p. 71). Nessa perspectiva, acredita que através da luta, enquanto empreitada histórica, é possível se desfazer dessas “certezas sectárias, excludentes da possibilidade de outras certezas, negadoras de dúvidas, afirmadoras da verdade” (Freire, 2011, p. 71). Assim, entre novas experiências, Freire continua refletindo sobre as questões da opressão e de como o “medo da verdade” levava os indivíduos a uma tentativa domesticada pela ocultação da verdade.

2.2 Educação como Prática Social

Concordamos com Caldas e Onofre (2021) que “a educação é uma prática social que favorece a formação humana para uma coexistência com outros seres” (p. 36). As práticas sociais acontecem a partir de interações, também gerando-as, “entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem [...] “entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla” (Oliveira *et al.*, 2014, p. 33).

A educação, nessa perspectiva, se faz através do diálogo que exerce força motriz para estabelecer relações e tornar os processos de ensino e aprendizagem humanizados. No dizer de Freire (2010, p. 91): “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens” (seres humanos¹). Por essa razão, o protagonismo propiciado pela palavra possibilita a construção e expressão cultural dos envolvidos, assumindo, para tanto, um caráter político. Diante

¹ A correção é sugerida pelo próprio autor, que posteriormente assumiu que sua escrita era sexista.

disso, observamos o que descrevem Caldas e Onofre (2021), sobre não haver educação que não esteja imersa na cultura da humanidade.

Nessa mesma direção, para Moreira e Candau (2003), a educação permite um diálogo entre todas as pessoas:

Os “outros”, os “diferentes” – os de origem popular, os afrodescendentes, os pertencentes aos povos originários, os rappers, os funkeiros etc. –, mesmo quando fracassam e são excluídos, ao penetrarem no universo escolar desestabilizam sua lógica e instalam outra realidade sociocultural (Moreira; Candau, 2003, p. 160).

O universo escolar é caracterizado, segundo esse autor e essa autora, por uma pluralidade cultural, e “em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças” (Moreira; Candau, 2003, p. 161). Sabemos, no entanto, que os espaços escolares sempre tiveram dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença, silenciando-as e neutralizando-as, reproduzindo a homogeneização e a padronização.

No dizer de Moreira e Candau (2003), faz-se necessária

[...] uma ação docente multiculturalmente orientada, que enfrente os desafios provocados pela diversidade cultural na sociedade e nas salas de aulas, requer uma postura que supere o “daltonismo cultural” usualmente presente nas escolas, responsável pela desconsideração do “arco-íris de culturas” com que se precisa trabalhar. Requer uma perspectiva que valorize e leve em conta a riqueza decorrente da existência de diferentes culturas no espaço escolar (p. 161).

A proposta de Freire (1999) é interligar a esperança à libertação, através da condução dos sujeitos à compreensão mais crítica da realidade e da situação que os oprime – não os libertando, mas a “um passo de superá-la, engajando-se na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão” (p. 44). Complementando esse pensamento, Freire nos ensina que “enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica (Freire, 1999, p. 45)”.

2.3 Educação para os espaços de restrição e privação de liberdade

Pensando a educação para os espaços de restrição e privação de liberdade, foco deste estudo, é importante destacar que o Conselho Nacional de Política

Criminal e Penitenciária fixou, através da Resolução nº. 14 de 1994, as “Regras Mínimas para o Tratamento de Presos no Brasil”, reservando capítulo específico para orientações quanto ao direito à assistência educacional de pessoas em privação de liberdade.

Assim, no que se refere à legislação brasileira, a educação no sistema prisional,

[...] é um tipo de educação de adultos que visa escolarizar, formar e qualificar pessoas temporariamente encarceradas para que, depois que cumpram o tempo de privação da liberdade, possam reinserir-se com dignidade no mundo social e do trabalho, já que essas pessoas, em sua maioria, têm baixa ou nenhuma escolarização (Pereira, 2011, p. 40).

Contudo, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), de 2021, apenas uma em cada oito pessoas em privação de liberdade realiza atividade educacional no país, sendo cerca de 12%. O motivo para o não cumprimento do direito à educação da pessoa em privação de liberdade é o descompasso decorrente de uma organização em torno da punição, essencialmente, como aponta o Relatório Nacional para o Direito Humano à Educação, e como também destacado por Onofre e Julião (2013, p. 56):

Iniciamos pela própria concepção de educação como um direito humano – concebida como eixo que leva a reconhecer o indivíduo em situação de privação de liberdade como sujeito de direitos, esta não tem sido viabilizada em seu ponto de partida, o que nos permite assinalar que os fins da educação nas unidades prisionais são distintos dos fins da pena. Os sistemas penitenciários organizam-se em torno dos imperativos da punição, descartando as possibilidades de promover em seu interior, práticas sociais que promovam processos educativos. Corrigir tal descompasso é uma exigência da educação para todos, por toda a vida, uma vez que o reconhecimento da cidadania dos privados de liberdade é o ponto de partida para a defesa de seus direitos educativos. A liberdade de ir e vir e o afastamento do convívio social por um tempo determinado é a pena a ser cumprida por um crime cometido – todos os demais direitos humanos ficam preservados.

Expõe-se, portanto, uma problemática relevante, tendo em vista a realidade brasileira, por se tratar de um dos países que possui uma das maiores populações carcerárias no mundo (são mais de 800 mil pessoas privadas de liberdade, segundo o Levantamento de Informações Penitenciárias do Departamento Penitenciário Nacional - Depen, de 2021), com graves denúncias de violação de Direitos Humanos no sistema penitenciário, grandes dificuldades de inserção social do egresso, além de altos índices de reincidência criminal (Gomes; Lima; Santiago, 2019). Realidade,

essa, que também se reflete nos Centros de Ressocialização (C.R's), implantados no estado de São Paulo entre os anos de 2000 e 2009, tendo como objetivo fundamental a humanização da pena por meio da transformação da realidade prisional, com o oferecimento de educação escolar e profissional para a maioria dos internos (Campos, 2015).

Importante destacar a Resolução nº. 391, de maio de 2021, que “Estabelece procedimentos e diretrizes a serem observados pelo Poder Judiciário para o reconhecimento do direito à remição de pena por meio de práticas sociais educativas em unidades de privação de liberdade.” Nesta Resolução, tem-se uma proposta para o desenvolvimento de atividades escolares e não escolares em espaços de restrição e privação de liberdade, permitindo, assim, que práticas educativas não-escolares façam parte da rotina dos/das educandos/as, como oficinas artísticas, literárias e culturais. A Resolução considera, em seu parágrafo único, item II, que práticas sociais educativas não-escolares são:

[...] atividades de socialização e de educação não-escolar, de autoaprendizagem ou de aprendizagem coletiva, assim entendidas aquelas que ampliam as possibilidades de educação para além das disciplinas Poder Judiciário Conselho Nacional de Justiça escolares, tais como as de natureza cultural, esportiva, de capacitação profissional, de saúde, dentre outras, de participação voluntária, integradas ao projeto político-pedagógico (PPP) da unidade ou do sistema prisional e executadas por iniciativas autônomas, instituições de ensino públicas ou privadas e pessoas e instituições autorizadas ou conveniadas com o poder público para esse fim (Resolução nº 391, 2021).

Dessa forma, apresentaremos, nesta pesquisa, a produção de fanzines em um espaço de restrição e privação de liberdade como uma prática social.

2.4 Os fanzines e a autonomia

Ao pensar em possibilidades da educação dialógica em espaços de restrição e privação de liberdade, a proposta desta pesquisa coloca suas lentes em uma ação pedagógica que pode promover autonomia para as pessoas que ali se encontram: a produção dos fanzines. Segundo Freire (2000), a autonomia dos educandos pode ser construída a partir de propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimentos empíricos junto à sua individualidade, colaborando com a emancipação dos indivíduos.

O termo “fanzine” é um neologismo formado pela junção das palavras *fanatic*

e *magazine*, do inglês, que significa “revista do fã”. É uma publicação independente e amadora, geralmente de pequena tiragem, impressa em fotocopiadora ou impressora. São escritos, ilustrados, diagramados, copiados, montados e distribuídos de modo independente e artesanal. Segundo Magalhães (1993), “embora os fanzines tenham surgido na década de 30, nos Estados Unidos (...), essa denominação só foi criada em 1941, por Russ Chauvenet”. No Brasil, esse tipo de mídia surge na década de 1960, com o primeiro fanzine, “Ficção”, sendo produzido por Edson Rontani em Piracicaba/SP (MAGALHÃES, 1993). No início dos anos 1980, os fanzines se expandem para outras regiões do país através de trocas e anúncios feitos em jornais (Magalhães, 2004).

Segundo Andraus (2019), na atualidade, essas revistas independentes estão sendo utilizadas na educação e despontando como artes para nichos que as denominam no Brasil apenas de “zines”. Para o autor, o pressuposto dos zines é a difusão de ideias, “com o diferencial de mantê-las livres de cerceamentos editoriais”, já que “como potencial de liberação e desenvolvimento da criatividade”, o autor do zine pode ser seu próprio editor. Daí, a potencialidade à autonomia.

Figuras 4 e 5: Zines do coletivo Literocupa (Jaú S.P) em exposição cultural



O fanzine ainda não é muito utilizado em sala de aula, pois é pouco conhecido, já que é uma mídia não oficialmente publicada, mesmo sendo de baixo custo, não é incluído na aula como recurso pedagógico que possibilitaria o exercício da cidadania,

da criatividade e da criticidade, além de poder ampliar o olhar ante as imagens que nos são postas, como destacado por Nascimento (2010).

Pinto (2013) reforça que o fanzine “contribui para aproximação do aluno com produção escrita”, podendo “melhorar sua forma de se expressar, não só na escola, como também com os amigos, parentes”. O documentário “Pro Dia Nascer Feliz” (2005), por exemplo, que apresenta a formação de estudantes de escolas públicas de diferentes estados brasileiros, também traz como o fanzine é uma importante ferramenta de expressão e um recurso pedagógico.

Nessa direção, a proposta de utilização de oficinas de fanzine, como recurso pedagógico para complementar as aprendizagens de Arte e Português, com os educandos de um Centro de Ressocialização, pode mostrar-se relevante para promover a interdisciplinaridade de conteúdos escolares e não escolares, e para o desenvolvimento da criatividade e criticidade nesse espaço ainda desprovido dos princípios dialógicos e formativos. Assim, voltando a falar de fanzine, consideramos que eles “são assim: eles vão circulando, chegam em locais que nunca podemos imaginar” (Curtis, p. 11, 2020), chegando, portanto, em espaços de restrição e privação de liberdade.

Sobre os fanzines nesses espaços, Feitosa, Aguiar, Curtis e Sno (2020) relatam no livro “Zines no Cárcere” (2020) os desafios de ministrar oficinas nesses ambientes, apresentando, também, relatos que expressão na produção dos zines as frustrações e esperanças dos participantes. “Imagina dar voz e expressão para bandido?” Foi o que eu ouvi por um bom tempo” (Curtis, p. 12, 2020). “Dar voz e expressão para bandido” é o mesmo se buscou com esta pesquisa, ressaltando o que Onofre (2016, p. 44) afirma:

As reflexões sobre a prisão como instituição que permite a promoção de experiências educativas às pessoas que se encontram em situação de privação de liberdade caminham por três eixos: transversalidade no sistema prisional, nas práticas sociais e nas ações educativas que ali ocorrem.

Dessa forma, ainda segundo Onofre (2016), pensar as transversalidades no sistema prisional requer pensar a prisão como um possível espaço educativo, e inserir os fanzines nesse espaço

põe em xeque outras formas de se fazer funcionar a unidade prisional e é uma outra ferramenta de denúncia do sistema prisional somente pela sua existência sem si, mas também se configura como um meio de sobrevivência e resistência ao cotidiano da prisão (Accioly, 2020, p. 84).

Isso mostra que os fanzines podem ser utilizados como ferramentas potentes de expressão atrás das grades.

2.5 Revisão sistemática

Dessa forma, para responder à questão da pesquisa, na primeira etapa foi utilizada a pesquisa bibliográfica, realizando a revisão sistemática do fanzine como recurso pedagógico utilizado em espaços de privação e restrição de liberdade. Para isso, as bases de dados consultadas foram a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

A partir dessa coleta de dados, foram localizados 39 (trinta e nove) trabalhos escritos no período de 1990 a 2023. A busca foi realizada através das palavras-chaves: “fanzine – educação”; “fanzine – expressão”; “fanzine – restrição”; “fanzine – privação”; “fanzine – liberdade”.

A apresentação dos resultados se constituiu na construção de um quadro (Quadro 1), contendo as seguintes informações: número do trabalho; nome da base de dados; palavras-chave que foram buscadas; título do trabalho; ano; autores.

Não foram excluídos da análise trabalhos cujas pesquisas não se enquadravam nos objetivos deste estudo. Eles foram utilizados para compor os dados, no geral, referentes à temática, e para a melhor compreensão do tema.

Quadro 1: Revisão sistemática

Nº	Base de dados	Busca	Título	Ano	Autores
1	SCIELO	Fanzine - Educação / Fanzine - Expressão	Expressão livre de jovens por meio do fanzine: recurso para a terapia ocupacional social	2013	Lopes, Roseli Esquerdo; Borba, Patrícia Leme De Oliveira; Monzeli, Gustavo Artur
2	SCIELO	Fanzine - Expressão	"Manifeste-se, faça um zine!": uma etnografia sobre "zines de papel" feministas produzidos por minas do rock (São Paulo, 1996-2007)	2011	Camargo, Michelle Alcântara

3	SCIELO	Fanzine - Expressão	Oficina de fanzine com adolescentes usuários de drogas: uma visão em enfermagem	2010	Kaiser, Dagmar Elaine; Silva, Juliana Oliveira Da.
4	CAPES	Fanzine - Educação	Fanzine na sala de aula: uma proposta com projetos de letramento para a produção textual de alunos na educação de jovens e adultos	2019	Souza, Amanda Almeida Alencar De.
5	CAPES	Fanzine - Educação	O fanzine como estratégia pedagógica para o ensino da geometria na educação básica	2020	Sousa, Joana Darc De.
6	CAPES	Fanzine - Educação	E-zine no ensino médio integrado: dispositivo de enunciação e contextualização	2022	Silva, Diego Dutra
7	CAPES	Fanzine - Educação	Processo de construção de fanzines e suas contribuições para a educação profissional e tecnológica	2022	Viana, Suerdes Rodrigues
8	CAPES	Fanzine - Educação	(Des)enquadrando as histórias em quadrinhos: fanzines, educações e filosofias	2021	Almeida, Charles Lima Oliveira
9	CAPES	Fanzine - Educação	A leitura de textos e a produção de fanzines como mediações da formação pelo conceito no ensino de filosofia	2019	Grison, Everton Marcos
10	CAPES	Fanzine - Educação	Autoria, consciência e formação docente: o fanzine como recurso formativo na escrita e reescrita de trajetórias formativas em formação inicial	2010	Nascimento, Ioneide Santos Do
11	CAPES	Fanzine - Educação	O corpo na perspectiva da alfabetização científica: um fanzine	2023	Abreu, Jessica Ferreira

			pedagógico sobre saúde, beleza e consumo de anabolizantes		
12	CAPES	Fanzine Educação	- Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual Gov. Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro - SE	2020	Andrade, Elaine Santos
13	CAPES	Fanzine Educação	- Interfaces educacionais do movimento punk e sua relação com a educação libertária no Brasil	2019	Ribera, Helio Jorge Amaral
14	CAPES	Fanzine Educação	- E-fanzine: uma proposta pedagógica voltada à leitura e à produção textual na educação básica com valorização da cultura regional e memórias	2021	Costa, Silvana Dal Pizzol Da
15	CAPES	Fanzine Educação	- A experiência dos fanzines em sala de aula e seus reflexos na construção de novas formas de pensar	2017	Araujo, Yuri Amaral De Barros Coimbra De
16	CAPES	Fanzine Educação	- Educação antirracista e a contribuição da pedagogia decolonial no Profhistória: o samba enredo do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (2019) na proposta de fanzines	2022	Santos, Viviane Nazario
17	CAPES	Fanzine Educação	- Educação matemática para alunos com TEA e TDAH: o que dizem os congressos ENEM e SIPEM	2023	Junior, Djair Dos Santos Lacerda
18	CAPES	Fanzine Educação	- Literatura e ensino de ciências: uma proposta de reflexão sobre o ambiente nos anos iniciais a partir de oficinas literárias e criativas	2019	Tavares, Ana Paula De Jesus

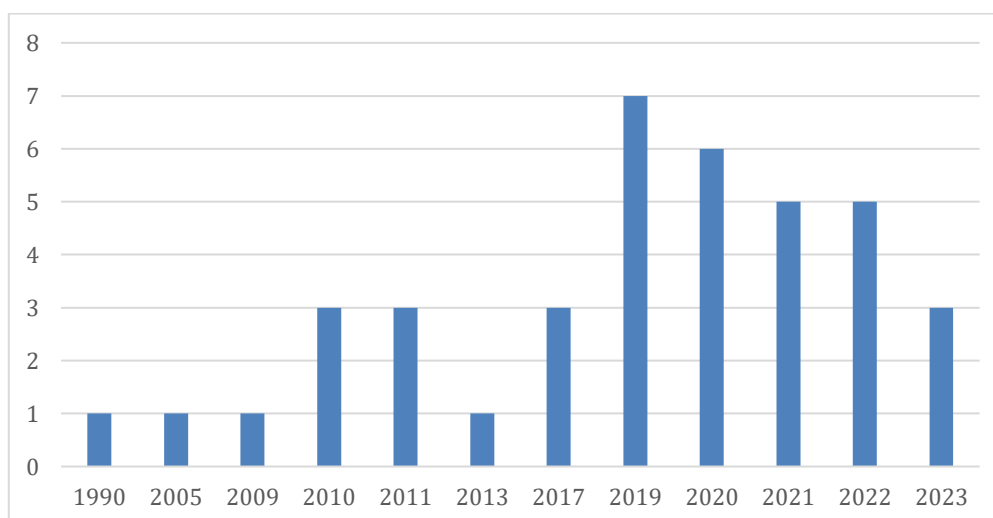
19	CAPES	Fanzine - Educação	Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop	2009	Souza, Ana Lucia Silva
20	CAPES	Fanzine - Educação	A arte como instrumento de conscientização ambiental: os caminhos da sustentabilidade	2020	Lima, Fernanda Dos Santos Medeiros Novaes Xavier De
21	CAPES	Fanzine - Educação	Letramento, leitura e literatura no ensino médio da modalidade de educação de jovens e adultos: uma proposta curricular	2011	Benvenuti, Juçara
22	CAPES	Fanzine - Educação	Leitura de textos sincréticos verbovisuais: relações entre linguagens em (fan)zines brasileiros	2017	Lerm, Ruth Rejane Perleberg
23	CAPES	Fanzine - Educação	Práticas e eventos de letramento: um estudo sobre os usos sociais da escrita de jovens de meios populares	2011	Santos, Roberta Lira Dos
24	CAPES	Fanzine - Educação	O processo de desenvolvimento da linguagem escrita na criança com transtorno do espectro do autismo e sua relação com outras linguagens	2021	Junior, Jose Freire De Carvalho
25	CAPES	Fanzine - Educação	Ensino de ciências na educação de jovens e adultos: uma intervenção pedagógica de (re)leitura dos impactos ambientais	2017	Bezerra, Danielle Barbosa
26	CAPES	Fanzine - Educação	Experiencia de alumnos con discapacidad en el bachillerato: diálogos para la emancipación	2023	Uarez, Miriam Viridiana Verastegui
27	CAPES	Fanzine - Educação	Ensinando outras histórias sobre a casa da feitoria velha através de um zine: uma proposta de	2021	Leite, Christian Arnold

			educação das relações étnico raciais no ensino de história em São Leopoldo - RS		
28	CAPES	Fanzine Educação	- Repertório leitor e a transformação do horizonte de expectativa na leitura do poema	2020	Nascimento, Cristiane Aparecida Silva
29	CAPES	Fanzine Educação / Fanzine Expressão	- Estudo das questões ambientais na educação de jovens e adultos utilizando o fanzine como expressão de aprendizagem	2022	Alves, Hellyzalva Braga Lima
30	CAPES	Fanzine Expressão	- Pedagogizando em sala de aula: artes de dizer e pedagogias de fazer	2010	Nascimento, Melissa Eloá Silveira
31	CAPES	Fanzine Expressão	- Mova-se caralho: insurgência criativa e ecos contraculturais na fronteira	2019	Bresolin, Jeancarlo
32	CAPES	Fanzine Expressão	- Fanzines de histórias em quadrinhos o espaço crítico dos quadrinhos brasileiros	1990	Magalhaes, Henrique Paiva
33	CAPES	Fanzine Expressão	- Fanzine: expressão cultural de jovens em uma escola da periferia de São Paulo	2005	Penteado, Hildebrando Cesário
34	CAPES	Fanzine Expressão	- Narrativas sobre o punk em São Paulo: cosmopolitismos, gerações, temporalidades	2021	Silvatti, Felipe Luna
35	CAPES	Fanzine Expressão	- Projetos de pesquisa: a prática docente entrelaçada ao ensino de ciências e de arte a partir de temas ambientais	2019	Fernandes, Shirley Alves De Souza
36	CAPES	Fanzine Liberdade	- Narrativas da prisão: travestilidade e trajetória de vida em uma prisão LGBT	2019	Alves, Antonia Gabriela De Araujo

37	CAPES	Fanzine Liberdade / Fanzine Educação	- Metodologias socioeducativas desenvolvidas pela rede de ação integrada para combater a escravidão no Maranhão	2022	Pereira, Leidiane De Souza Silva
38	CAPES	Fanzine Liberdade / Fanzine Educação	- Catatau, fanzine e poesia: escrita nas prisões cearenses	2020	Accioly, Maria Izabel Feitosa
39	CAPES	Fanzine Restrição	- A mobilidade urbana de jovens em projetos sociais do complexo do alemão, no Rio de Janeiro, e suas relações com a terapia ocupacional social	2020	Goncalves, Monica Villaca

Após esse levantamento inicial, foi possível constatar, em primeiro momento, que o período em que mais foi pesquisado e publicado sobre a temática foi no ano de 2019, sendo 7 (sete) dos 39 (trinta e nove) trabalhos encontrados. Antes disso, os trabalhos produzidos foram publicados com certas “pausas”, como pode ser verificado no Gráfico 1:

Gráfico 1: Pesquisas realizadas por ano



Considerando isto, optamos por selecionar as produções realizadas entre 2019 e 2023, chegando à seleção de 27 (vinte e sete) trabalhos (Quadro 2).

Quadro 2: Pesquisas realizadas de 2019 a 2023

Nº	Ano	Título
4	2019	Fanzine na sala de aula: uma proposta com projetos de letramento para a produção textual de alunos na educação de jovens e adultos
9	2019	A leitura de textos e a produção de fanzines como mediações da formação pelo conceito no ensino de filosofia
13	2019	Interfaces educacionais do movimento punk e sua relação com a educação libertária no Brasil
18	2019	Literatura e ensino de ciências: uma proposta de reflexão sobre o ambiente nos anos iniciais a partir de oficinas literárias e criativas
31	2019	Mova-se caralho: insurgência criativa e ecos contraculturais na fronteira
35	2019	Projetos de pesquisa: a prática docente entrelaçada ao ensino de ciências e de arte a partir de temas ambientais
36	2019	Narrativas da prisão: travestilidade e trajetória de vida em uma prisão LGBT
5	2020	O fanzine como estratégia pedagógica para o ensino da geometria na educação básica
12	2020	Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual Gov. Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro - SE
20	2020	A arte como instrumento de conscientização ambiental: os caminhos da sustentabilidade
28	2020	Repertório leitor e a transformação do horizonte de expectativa na leitura do poema
38	2020	Catatau, fanzine e poesia: escrita nas prisões cearenses
39	2020	A mobilidade urbana de jovens em projetos sociais do complexo do alemão, no Rio de Janeiro, e suas relações com a terapia ocupacional social
8	2021	(Des)enquadrando as histórias em quadrinhos: fanzines, educações e filosofias
14	2021	E-fanzine: uma proposta pedagógica voltada à leitura e à produção textual na educação básica com valorização da cultura regional e memórias
24	2021	O processo de desenvolvimento da linguagem escrita na criança com transtorno do espectro do autismo e sua relação com outras linguagens
27	2021	Ensinando outras histórias sobre a casa da feitoria velha através de um zine: uma proposta de educação das relações étnico raciais no ensino de história em São Leopoldo - RS
34	2021	Narrativas sobre o punk em São Paulo: cosmopolitismos, gerações, temporalidades
6	2022	E-zine no ensino médio integrado: dispositivo de enunciação e contextualização
7	2022	Processo de construção de fanzines e suas contribuições para a educação profissional

		e tecnológica
16	2022	Educação antirracista e a contribuição da pedagogia decolonial no Profhistória: o samba enredo do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (2019) na proposta de fanzines
29	2022	Estudo das questões ambientais na educação de jovens e adultos utilizando o fanzine como expressão de aprendizagem
37	2022	Metodologias socioeducativas desenvolvidas pela rede de ação integrada para combater a escravidão no maranhão
11	2023	O corpo na perspectiva da alfabetização científica: um fanzine pedagógico sobre saúde, beleza e consumo de anabolizantes
17	2023	Educação matemática para alunos com TEA e TDAH: o que dizem os congressos ENEM e SIPEM
26	2023	Experiencia de alumnos con discapacidad en el bachillerato: diálogos para la emancipación

O Quadro 2 foi organizado somente com as informações: nº (do trabalho – considerando Quadro 1), Ano (de publicação) e Título.

A segunda seleção ponderou, dentre os 27 (vinte e sete) trabalhos selecionados, as pesquisas que apresentam no título correlação com o que se pesquisa neste estudo. Dessa forma, chegamos a um resultado de 12 (doze) trabalhos (Quadro 3).

Quadro 3: Títulos com relação ao tema

Nº	Ano	Título
4	2019	Fanzine na sala de aula: uma proposta com projetos de letramento para a produção textual de alunos na educação de jovens e adultos
9	2019	A leitura de textos e a produção de fanzines como mediações da formação pelo conceito no ensino de filosofia
5	2020	O fanzine como estratégia pedagógica para o ensino da geometria na educação básica
12	2020	Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual Gov. Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro - SE
38	2020	Catatau, fanzine e poesia: escrita nas prisões cearenses
8	2021	(Des)enquadrando as histórias em quadrinhos: fanzines, educações e filosofias
14	2021	E-fanzine: uma proposta pedagógica voltada à leitura e à produção textual na educação

		básica com valorização da cultura regional e memórias
27	2021	Ensinando outras histórias sobre a casa da feitoria velha através de um zine: uma proposta de educação das relações étnico raciais no ensino de história em São Leopoldo - RS
6	2022	E-zine no ensino médio integrado: dispositivo de enunciação e contextualização
7	2022	Processo de construção de fanzines e suas contribuições para a educação profissional e tecnológica
16	2022	Educação antirracista e a contribuição da pedagogia decolonial no Profhistória: o samba enredo do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (2019) na proposta de fanzines
29	2022	Estudo das questões ambientais na educação de jovens e adultos utilizando o fanzine como expressão de aprendizagem

O Quadro 3 também foi organizado somente com as informações que constam no Quadro 2.

Assim, os resumos dos 12 (doze) trabalhos selecionados foram lidos para obter melhor compreensão sobre as pesquisas realizadas. A partir disso, verificamos que todos eles trazem a questão do fanzine como ferramenta pedagógica. Porém, apenas o trabalho nº 38 foi desenvolvido com pessoas em privação e/ou restrição de liberdade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A postura que se assume neste estudo está embasada nos preceitos freirianos, portanto, humanizante e libertadora. Para tanto, para responder à questão da pesquisa, sobre que processos educativos que podem surgir a partir da produção de fanzines em oficinas realizadas com educandos em um espaço de restrição e privação de liberdade, o exercício foi o da convivência na aproximação entre pesquisadora e participantes, na afetividade e no diálogo.

3.1 O estabelecimento de vínculos e afetividade através do diálogo

A aproximação entre pesquisador/pesquisadora e participantes demanda tempo, reflexões constantes, disposição e sensibilidade para conhecer o universo temático, para criar vínculos de confiança e empatia (Sousa, 2002). Para isso, é preciso respeito com as pessoas, abundância de diálogo, afetividade e convivência.

É fundamental, portanto, o reconhecimento do direito das pessoas que são os/as participantes da pesquisa, o que requer da pesquisadora/pesquisador o não-autoritarismo, respeitando “as compreensões e os significados que os sujeitos da pesquisa geram sobre si e sobre o mundo na sua leitura da realidade” (Araújo-Olivera, 2014, p. 54), ou seja, conforme a autora: “olhar, indagar, analisar”, situando-se a partir do lugar da “vítima” (p. 54).

Araújo-Olivera (2014) também sugere como o situar-se a partir do lugar das vítimas e o conviver, inserir-se no espaço do outro, participar, estar junto, propondo construções de diálogos e reflexões gerados na proximidade. Para ela,

[...] assumindo o lugar e o papel de um integrante e fazer parte das experiências das pessoas são condições necessárias para o pesquisador empapar dos jeitos de ser, pensar, agir, raciocinar, dos saberes das pessoas na comunidade, seus problemas e necessidades conforme são apreciados por eles mesmos. Partilhar e ter a vivência do outro, principalmente do lugar dos socialmente marginalizados, além de disponibilidade para acolher e ser acolhido, requerem o estabelecimento de relações horizontais, não hierárquicas [...] (Araújo-Olivera, 2014, p. 62).

Assim, em nosso entendimento, não há como pesquisar sem inserir-se na realidade do outro, para compreender e para colaborar com a luta para a libertação desse outro – considerado vítima, considerado oprimido. Como sinalizam Oliveira *et al.* (2014),

Essa inserção deve se dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. [...] participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo (Oliveira *et al.*, 2014, p. 40-41).

Nessa direção, parece-nos importante, pensar no processo de descolonização do conhecimento e no dizer de Kilomba (2019, p. 59), é importante que para descolonizar o conhecimento acadêmico haja a chance de produção de conhecimento emancipatório alternativo, isso é: “transformar as configurações do conhecimento e do poder em prol da abertura de novos espaços para a teorização e para a prática”. Vieira (2012), nessa direção, ressalta que, em sua pesquisa, buscou ocupar espaços, “neste caso, o de produção de saberes, trazendo um ponto de vista a partir da ‘margem’ a fim de contestar a ideologia dominante do ‘centro’ e fugir do destino traçado pelo conceito burguês de educação” (Vieira, 2012, p. 25).

Vieira (2012) também destaca as dificuldades de “cumprir o papel de transformação e crítica social inerente às ciências sociais e humanas mantendo o almejado rigor científico” (p. 26). Na perspectiva indicada por essa autora, é possível ressaltar que a pesquisa em Direitos Humanos deve trazer as vozes excluídas, mas não só escutá-las: fazer algo com essa escuta. A partir de práticas de pesquisa comprometidas com a emancipação dos/as participantes de pesquisas, no dizer de Caldas e Onofre (2021, p. 44), é possível construir “um paradigma científico não hegemônico e capaz de dialogar com os saberes tradicionais e com um projeto de sociedade democrática”.

3.2 Pesquisa-ação

Em relação à pesquisa de campo, optamos, com base na abordagem qualitativa, embasada em Minayo (2015), pela pesquisa-ação, pois aborda questões particulares do cotidiano, expressas pelos/as participantes e/em suas práticas, crenças, valores e visões de mundo.

Essa percepção nos leva à proposta da metodologia que foi adotada neste estudo: a pesquisa-ação, que acontece com os/as participantes. Como pesquisadores/pesquisadoras, temos experimentado a necessidade de se cultivar outras metodologias de pesquisa no estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisadoras/es e participantes e na construção de outros instrumentos de

pesquisa, como, por exemplo, a pesquisa-ação, que, segundo Thiollent (1986, p. 14):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. [...] a pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sócio-político a serviço da causa das classes populares.

Ainda segundo Thiollent, “na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (Thiollent, 1986, p. 15). Essa metodologia não nos permite especificar, com antecedência, qual conhecimento será obtido, nem quais resultados práticos serão alcançados, uma vez que os resultados de cada ciclo determinarão o que acontecerá a seguir, e não há como dizer onde o processo levará (Tripp, 2005).

A metodologia utilizada visou, como descrito anteriormente, a aproximação entre pesquisadora e participantes durante a construção das oficinas de fanzines, que foram realizadas na unidade do Centro de Ressocialização de Jaú², interior do Estado de São Paulo, com educandos que frequentam as aulas ministradas pela pesquisadora, nas disciplinas de Arte e Português, nas turmas de Ensino Fundamental II, sendo 28 educandos homens, de idades entre 19 e 73 anos³.

Com base nos preceitos da pesquisa-ação, utilizou-se para a recolha de dados de anotações em Diários de Campo com base nas observações da pesquisadora e diálogos que ocorreram ao longo do desenvolvimento de cada oficina.

Para Costa (2002, p. 151),

O Diário de Campo é mais do que um simples registro de fatos ocorridos no tempo. Seu aproveitamento metodológico depende do olhar atento do pesquisador para captar detalhes do trabalho de campo e, sobretudo, auxilia

² A unidade prisional onde o estudo foi realizado tem capacidade para atender a 210 pessoas do sexo masculino dos regimes fechado, semiaberto e provisório. Hoje, há 220 educandos, com idade entre 18 e 75 anos – desses, cerca de 70 estão matriculados na Educação Para Jovens e Adultos (EJA) e têm acesso à educação escolar proporcionada pela rede pública estadual, através de escola, com 3 salas de aula multisseriadas (6^o/7^o - 8^o/9^o anos do Ensino Fundamental II, e 1^a, 2^a e 3^a séries do Ensino Médio) – Informações obtidas através da Secretaria Estadual da Administração Penitenciária (SAP), SIC Protocolo 384582215202.

³ Idades: 1 estudante de 19 anos, 2 de 20 anos, 8 estudantes de 21 a 30 anos, 4 estudantes de 31 a 40 anos, 7 estudantes de 41 a 50 anos, 5 estudantes de 51 a 60 anos e 1 estudante de 73 anos. Fonte: Secretaria Escolar Digital – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - Informações obtidas através da Secretaria Estadual da Administração Penitenciária (SAP), SIC Protocolo 384582215202.

a memória do pesquisador para que as informações sejam analisadas em profundidade.

Segundo Lopes, Lima, Costa e Ribeiro (2002), “o Diário de Campo é um recurso muito utilizado pela etnografia como forma ideal para registrar o cotidiano da pesquisa” (p. 131) e “constitui-se em exercício de reflexão e narração dos acontecimentos e situações vivenciadas na pesquisa” (p. 133).

Assim, para Bogdan e Biklen (1994), quando um/uma pesquisador/pesquisadora está em seu campo de pesquisa, ele/ela observa, para poder descrever – e refletir sobre o que se passou ali. Nessa descrição, o/a pesquisador/pesquisadora deve ser o mais descritivo/a possível, trabalhando sempre com especificações, detalhes, evitando o uso de palavras abstratas, o que pode mostrar uma certa interpretação de quem descreve.

Dentro disso, ainda segundo Bogdan e Biklen (1994) há alguns aspectos descritivos que podem orientar quem vai descrever, como retratos dos sujeitos (procurar por aspectos particulares das pessoas); reconstruções do diálogo (registrar as conversas entre os sujeitos ou o que os sujeitos lhe dizem diretamente, além de gestos, pronúncias, expressões faciais); descrição do espaço físico (aqui também vale fazer o uso de desenhos dos espaços, para ilustrar); relatos de acontecimentos particulares (listagem de quem esteve no acontecimento, descrição das ações e como elas aconteceram); descrição de atividades (aqui incluem-se descrições detalhadas do comportamento e reprodução da sequência desses atos); o comportamento do observador (é preciso considerar a si próprio como sujeito, instrumento da recolha de dados, o que pode interferir em suposições de como os dados foram recolhidos e analisados – comentar modo de vestir, ações e conversas com os sujeitos – o que ajuda a avaliar as influências indiretas). Segundo Costa (2002, p. 152), “Nesta dialética ganha importância a descrição e a leitura do espaço social em suas várias dimensões, como os gestos dos sujeitos e a ocupação da geografia local. É necessário, ainda, estar atento para os momentos em que antecedem a coleta de dados (...)”.

Para Lopes, Lima, Costa e Ribeiro (2002, p. 132), “o diário de campo pode trazer desenhos, o que ajuda extraordinariamente a memória do pesquisador. Ou pode conter anotações em código, símbolos, abreviações etc.”.

Assim, ressalta-se que o/a pesquisador/pesquisadora deve-se manter perto do

sujeito da pesquisa, porém, evitar juízos de valor de caráter pessoal e julgamentos do que foi observado, a fim de realizar um bom estudo, como também traz Bogdan e Biklen (1994):

[...] você deve ser auto-reflexivo e manter um registro preciso dos métodos, procedimentos e das análises que desenvolvem. É difícil encontrar um equilíbrio entre a parte descritiva e a parte reflexiva do material. Alguns investigadores excedem-se no lado reflexivo e escrevem as suas autobiografias. É importante lembrar que as reflexões são um meio para a realização de um estudo melhor, e não um fim em si própria (p. 165).

Os trechos reflexivos do/da pesquisador/pesquisadora são postos em uma parte exclusiva para elas, como comentários do/da observador/observadora, onde pode-se comentar a experiência, escrever informações adicionais, fragmentos de pensamentos, reflexões pessoais, sobre a análise, sobre o método, sobre conflitos e dilemas éticos e sobre seu ponto de vista, e pontos de classificação. “A parte reflexiva das notas de campo insiste que a investigação, como todo o comportamento humano, é um processo subjetivo” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 167). Complementando essa ideia: “[...] é perfeitamente possível atribuir ao diário de campo a possibilidade de realizar em profundidade (para um investigador e os sujeitos da pesquisa) a dialética do encontro de subjetividades” (Costa, 2002, p. 157).

Nesse aspecto,

O movimento de compreensão da realidade através do Diário de Campo não se esgota na relação de complemento, triangulação e explicação dos dados. Avança em direção ao movimento dialético entre um olhar mais aprofundado e o olhar atento do pesquisador sobre a realidade. Passa pela questão da relação intersubjetiva entre o pesquisador e os sujeitos da realidade pesquisada. E por fim, culmina auxiliando a realização do processo interpretativo (ou análise) do pesquisador ou do grupo de pesquisa (Lopes; Lima; Costa; Ribeiro, 2002, p. 134).

Diante do exposto, compreendemos como organizar a pesquisa, desde os processos burocráticos, passando pela execução das oficinas, chegando à análise de resultados.

Para a investigação, iniciou-se o processo para se ter a autorização e aprovação para a realização da pesquisa. Em primeiro momento, o projeto de pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de São Carlos, sendo aprovado com o CAAE 0436922.4.0000.5504.

A partir disso, o projeto foi enviado à Secretaria de Administração Penitenciária

(SAP) e passou por algumas solicitações vindas da própria SAP, como pedido de carta da Diretoria de Ensino da Região de Jaú autorizando a realização da pesquisa em sala de aula e carta de autorização escrita e assinada pela Direção do Centro de Ressocialização de Jaú. Obtivemos a autorização da SAP através de manifestação do Diretor do Grupo Regional de Ações de Trabalho e Educação em um “Termo de Obtenção de Anuência para Realização de Pesquisas” (Anexo A).

4 RESULTADOS E ANÁLISE

4.1 As oficinas

A proposta da pesquisa iniciou-se com oficinas às sextas-feiras, durante as aulas de Arte, com as duas turmas multisseriadas do Ensino Fundamental II, começando com 28 educandos, tendo como tempo estimado de 2 (duas) horas e meia para cada encontro.

Nas oficinas, a ideia era de que os educandos produzissem seus próprios fanzines, com temas livres e variados, considerando os diversos tipos e gêneros textuais, trabalhando a interdisciplinaridade com a disciplina de Português. Nesse ponto, destaca-se a importância da interdisciplinaridade entre as disciplinas de Português e Arte, considerando as produções textuais desenvolvidas, acreditando que, com a Arte, as expressões dos educandos sobre as escritas e os temas trabalhados possam ser mais significativas.

[...] a escrita (nesses espaços) é compreendida e usada como meio de sobrevivência, como uma possibilidade de ter suas dores e angústias escutadas por outrem, e como esperança de dias melhores e garantia de melhores possibilidades de vida. [...] a escrita desses sujeitos consegue também ser utilizada como um dispositivo estratégico, ou seja, um instrumento de veiculação de denúncias das violações de direitos que ocorrem dentro da unidade, permitindo que os internos elaborem os traumas gerados pelos eventos críticos que vivenciaram naquele lugar. [...] É nesta linha de raciocínio que se pode perceber a escrita como expressão de afetos e circulação dos mesmos, possibilitando a resiliência dos presos frente a um contexto prisional cheio de interdições e de violações, no qual os desumanizam constantemente (Accioly, 2020, p. 84).

No dia anterior à oficina, avisei ao educando responsável pela Biblioteca que iria precisar da ajuda dele para a organização da sala de convivência, onde iria acontecer a oficina. A escolha pela sala deu-se por conta de ser a de maior espaço e onde conseguiríamos juntar as duas turmas de maneira com que ficassem mais à vontade, afinal, as outras duas salas que são usadas para as aulas são pequenas.

4.1.2 Os encontros com a arte

1ª Oficina – Descobrimo o universo dos fanzines

Chegado o dia da primeira oficina. Preparei os materiais impressos e os vídeos, que formaram a composição do primeiro encontro, sendo teórico. Separei um texto de apresentação do que é um fanzine, elaborado por mim (Fanzines: um jeito de se

comunicar) (Apêndice A) e três vídeos (A febre dos zines; Fanzine: faça você mesmo; Reportagem TV Brasil), que mostravam fanzines sendo feitos e algumas curiosidades.

Além dos materiais teóricos, juntei algumas revistas para serem usadas nas produções e imprimir em casa os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), para a coleta das assinaturas, também no primeiro encontro.

Chegando à Unidade, todo o trâmite para a entrada: placa do carro sendo anotada na portaria de baixo; conferência se o celular, relógio e demais pertences ficaram no carro; passar pelo portão azul da entrada; deixar documento e chave do carro na portaria de cima; passar os materiais no primeiro *scanner*; passar pelo segundo *scanner*; sendo revistada pela agente feminina; chegada à sala da Educação para pegar os materiais necessários.

É um lugar cheio de indivíduos frustrados, insatisfeitos e com raiva, fazendo coisas frustrantes e forçadas. Se convive com pessoas te olhando torto, também com indiretas e perguntas como: “o que faz você vir aqui dar aula para bandido?” Você se torna e é visto como um marginal também. Sendo mulher, a coisa vai muito além. É necessário ter um posicionamento firme de conduta e atitudes. Saber verbalizar e agir. Impor respeito e, ao mesmo tempo, confiança (Curtis, 2020, p. 16).

Depois de todo o procedimento de rotina, cheguei à sala de convivência para me encontrar com os educandos. Já estavam ali, me esperando, como de costume. São pontuais, porque é uma regra do sistema: horário para tudo.

Cumprimentei-os, conversei um pouco com alguns. É muito comum que chamem para contar algo, para perguntar “como está a rua”, e também “sobre o que será a atividade do dia”. Confessaram que estavam curiosos, ainda mais depois que me viram entrar com a caixa de revistas.

“O que vamos fazer?” (Diário de Campo)

“Será algo diferente?” (D.C.)

“Muito difícil?” (D.C.)

“Ai ai, a professora e as ideias dela, né?” (D.C.)

“Essa professora... inventa cada uma... vamo vê agora...” (D.C.)

Os materiais que iríamos usar nesse encontro já estavam na mesa: réguas, cola, folha sulfite para anotação. Comecei apresentando a pesquisa, dizendo que nesses encontros eu não seria a professora Tamires, mas a pesquisadora. A

princípio, estranharam. Fizeram caras de que não estavam entendendo. Um ou outro soltou:

“Mai como vamo diferenciar? É a mema pessoa...” (D.C.)

“Pesquisadora? Que chique...” (D.C.)

Continuei com a apresentação. Expliquei o porquê desses encontros, os objetivos da pesquisa e a metodologia que seria utilizada. Dei abertura para tirarem dúvidas. Algumas surgiram:

“O que é pesquisa?” (D.C.)

“Mas a senhora ainda estuda?” (D.C.)

“O que é mestrado?” (D.C.)

“Ah, a universidade é em São Carlos? Eu sou de lá, professora!” (D.C.)

Porém, a principal questão foi:

“Mas o que é um fanzine? – é assim memo que fala?” (D.C.)

Então, falei que antes de explicar sobre os fanzines, precisaria que eles assinassem o TCLE para mim, pois era a partir dele que teríamos segurança na pesquisa.

“Oia que importante que tamo hein...” (D.C.)

Deixei uma cópia com cada um e recolhi a outra. Depois de guardar os TCLE's assinados, disse que iria começar a explicar sobre o tema da pesquisa, e contar o que era, enfim, um fanzine.

Ouviam, atentos e estáticos. Coisas novas chamam a atenção deles. Expliquei sobre o surgimento do fanzine, o uso do fanzine como forma de expressão e como ferramenta pedagógica.

Convidei-os para a leitura coletiva do texto impresso. Os nove parágrafos foram lidos em voz alta, dividindo-se entre quatro educandos que se voluntariaram para a leitura. Após lerem, ainda via no olhar de cada um deles a confusão e a curiosidade. Afinal, ainda não tinham visto um. A partir do momento que peguei um fanzine e mostrei, o silêncio foi quebrado.

“Professora, passa pra nós vê!” (D.C.)

“Nossa, que colorido!” (D.C.)

“Ah, tem recorte, tinta, tudo misturado...” (D.C.)

Dentro da pasta, havia as folhas originais em A4 das produções do Fanzine A Poesia Salva antes de serem digitalizadas e impressas, até chegarem no formato de zine, como as a seguir:

Figura 6: Capa do zine “A poesia salva – 1ª edição”



Figura 7: Página do zine “A poesia salva – 1ª edição”



Figura 8: Capa do zine “A poesia salva – 2ª edição”



Figura 9: Página do zine “A poesia salva – 2ª edição”



Figura 10: Parte do zine “Expressão e conteúdo”



Fui repassando entre as fileiras. Enquanto folheavam os zines, também pegavam as folhas, observavam, comparavam. Depois desse momento, apresentei os três vídeos (A febre dos zines; Fanzine: faça você mesmo; Reportagem TV Brasil). Assistiram, ainda atentos. E continuei com as explicações. Falei sobre a proposta das oficinas e da importância da participação deles nas decisões. Nessa parte, o diálogo se estendeu. Afinal, quais eram essas decisões?

A partir disso, distribuí um material impresso com uma tabela sobre os tipos e gêneros textuais, para que eles relembassem das aulas de Português, em que falamos sobre o tema. Com isso, puderam fazer a primeira escolha. Ou melhor: decidir os gêneros textuais que trabalhariam em seus fanzines. Os mais escolhidos foram: cartas, anúncios publicitários, artigos de opinião e poesias.

Na pesquisa de Lopes, Borba e Monzeli (2013),

Os formatos escolhidos para a livre expressão das opiniões com relação aos temas foram textos, poemas, músicas e desenhos. A linguagem utilizada variou entre uma redação formal, para alguns textos mais informativos, até uma linguagem mais informal, observada em algumas músicas, por exemplo (p. 941).

Começaram a anotar algumas ideias que surgiam. Comentavam entre eles, perguntavam-me o que eu achava e pegavam revistas para tirarem inspirações. Alguns começaram logo a recortar imagens que iriam usar em suas produções. Dois educandos pensaram nos textos depois de verem as revistas. Disseram-me que vendo as imagens, tinham mais ideias para escreverem.

Nesse dia, não fizemos intervalo. Quando olhamos no relógio, a hora já tinha se passado. Comentei que precisávamos encerrar, pois alguns ali ainda iriam trabalhar na lavanderia e na cozinha. Ajudaram-me a guardar os materiais, perguntaram quando seria a próxima oficina e se podiam adiantar as coisas nos alojamentos. Sobre a última questão, respondi que seria melhor eles esperarem o momento da próxima oficina, para fazermos juntos. Compreenderam e pediram para que eu deixasse as revistas na biblioteca, pelo menos, para que pudessem folheá-las durante os demais dias. Concordei e iniciei a conversa final da primeira oficina. Perguntei a eles o que haviam achado.

“Interessante, professora!” (D.C.)

“Vamos fazer algo diferente, né?” (D.C.)

“Eu gostei disso, viu...” (D.C.)

“Ah, eu acho que vou tê muita dificuldade... sei não... mas vamo tenta...” (D.C.)

Depois de guardarmos os materiais e termos as últimas conversas, despedimo-nos.

“Até segunda, professora!” (D.C.)

“Vai com Deus!” (D.C.)

“Não vai corrê com esse carro, hein...” (D.C.)

“Bom fim de semana, professora!” (D.C.)

2ª Oficina – Lápis e papel: as ideias sendo transformadas nos primeiros textos

Depois de muitas trocas no primeiro encontro, foi o momento de darmos andamento às ideias e deixar a criatividade fluir, construindo os primeiros textos.

Concentrados, os educandos seguiram em silêncio pensando. Este momento foi de grande importância, pois, segundo eles, foi um silêncio diferente do que estavam acostumados – aquele silêncio imposto, como regra do local.

Um dos educandos, por ora, não quis dar andamento. Disse que achava muito difícil e que não tinha capacidade. Porém, vendo os colegas ali presentes rascunhando as ideias e colocando no papel, disse que gostaria de tentar, e

participou.

Alguns optaram por criar histórias vendo cenas de revistas, o que rendeu bons textos. A partir de algumas imagens, imaginaram diálogos e enredos e deixaram a criatividade os levar a caminhos fora dali. Saíram histórias divertidas e outras tristes.

No meio disso tudo, algumas conversas surgiram, como alguns contando que um educando, que havia participado da oficina anterior, havia pegado “bonde” – transferência para outra unidade, por mal comportamento. Era um educando que estava bem empolgado com a ideia das oficinas.

Dentro da oficina sempre houve diálogos e, em muitos momentos, parei as atividades para conversar e ouvir e creio que isso fez toda a diferença (Curtis, 2020, p. 21).

Depois disso, o educando mais velho do grupo me chamou para mostrar que já havia escrito três textos.

“Professora, hoje está rendendo... quando estou escrevendo, esqueço de tudo que estou passando, que não está sendo fácil...” (D.C.)

Fora isso, algo que chamou a atenção foi a presença de um outro professor na sala, que acabou causando tumulto entre os educandos, pois puxou conversa em meio à concentração dos mesmos. Como a sala onde ficamos é o salão de convivência, que fica bem na passagem às outras salas de aula, esse fato foi inevitável. Porém, os educandos comentaram que esperavam que o professor fosse entender que eles estavam fazendo uma atividade e que não poderiam dar atenção a ele naquele momento.

Lápis e borracha nas mãos, letras para cá, letras pra lá, e os textos foram saindo.

“Professora, sabe o que é interessante disso? Que a mente vai afunilando no sistema... sei lá, a gente tá aqui, parece que tá tudo atrofiado... daí começa a escrever, e a mente vai afunilando, sabe?” (D.C.)

Sim, eu sei! E que bom saber que eles também percebem isso.

Muitos, pela primeira vez, se sentiram capaz de ser algo ou alguém. De expressar o que sentia por meio de um poema, de uma ilustração, de uma colagem, de um graffiti. Soltar a voz e dar a letra pra quem está no mundão. Uma coisa eu sei: a maioria aprendeu a escrever direito uma missiva! (Curtis, 2020, p. 21)

Ao final da segunda oficina, alguns apresentaram textos finalizados. Outros pediram para tirar dúvidas para dar andamento às escritas.

“Será que tamo conseguindo seguir certo, professora? É isso mesmo?” (D.C.)

“Nunca escrevi um texto desse tipo... tá sendo legal. Tomara que dê certo.” (D.C.)

3ª Oficina – Recortando e colando pensamentos

“Professora, é assim que escreve essa palavra?” (D.C.)

“Ó, professora, eu acho que é assim... tá ficando bom?” (D.C.)

“Procurei essa palavra no dicionário... achei chique...” (D.C.)

E assim, na terceira oficina, os educandos continuaram com a produção dos textos e aproveitaram para tirar dúvidas sobre a escrita. Além disso, iniciaram as produções das ilustrações e recortes e colagens, seguindo o que haviam escrito.

Quietos, concentrados, escreviam, recortavam, colavam, mostravam um ao outro, voltavam à folha, ficavam parados olhando as próprias produções... depois, levantavam-se para me mostrar, como se fosse um ritual, como se a minha opinião fosse importante para eles.

“Professora, achei essas imagens, acho que vou escrever mais um texto... pode?” (D.C.)

“Vamo trocar esse desenho aqui? Achei ele, mas não vai dá certo com meu texto...” (D.C.)

Entre si, trocavam recortes, além de ideias.

Conforme foram terminando, me mostravam e continuavam nas carteiras, aguardando as próximas instruções.

A seguir, imagens das produções realizadas pelos educandos.

Figura 11: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

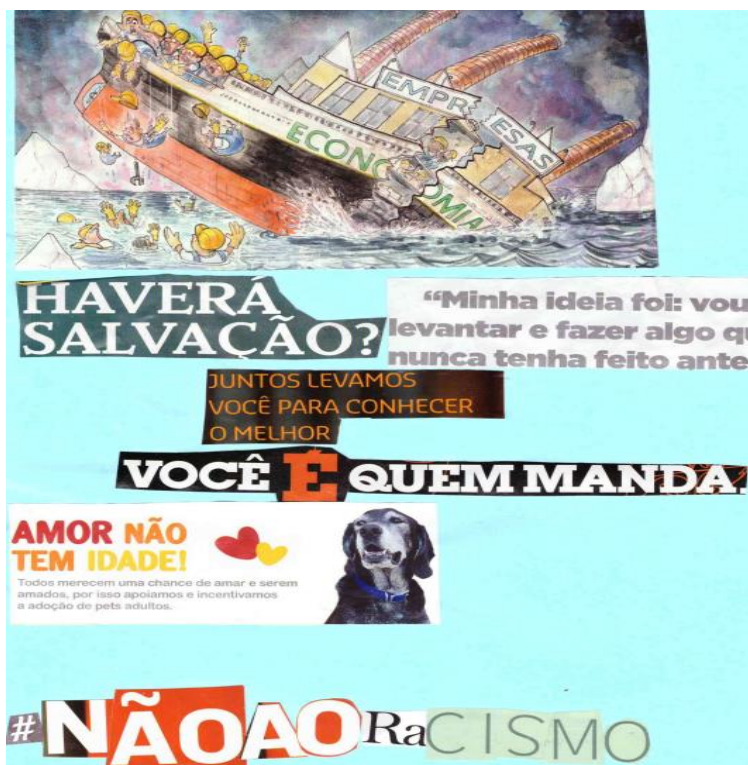


Figura 12: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 13: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

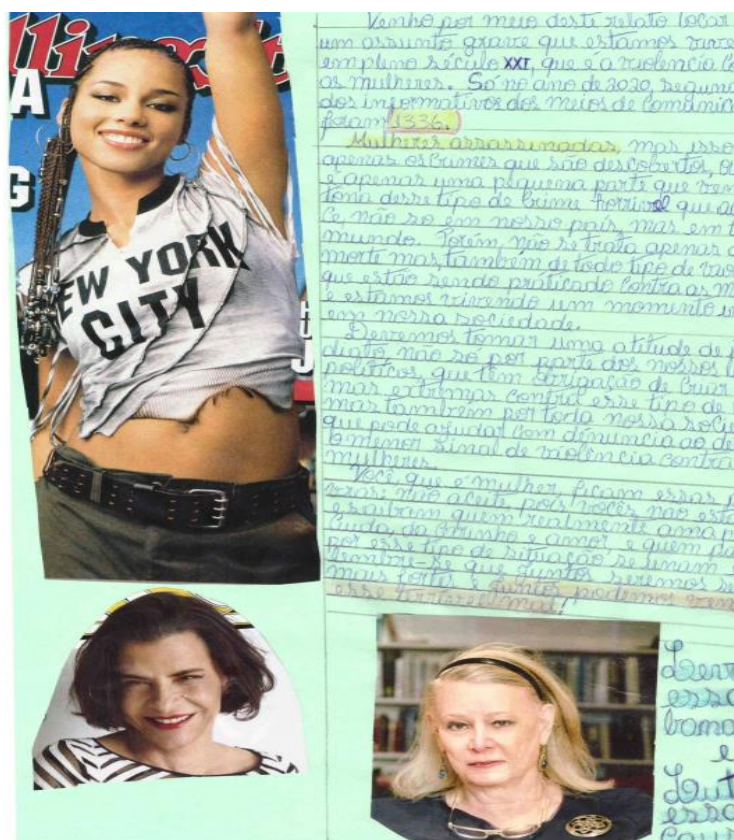


Figura 14: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

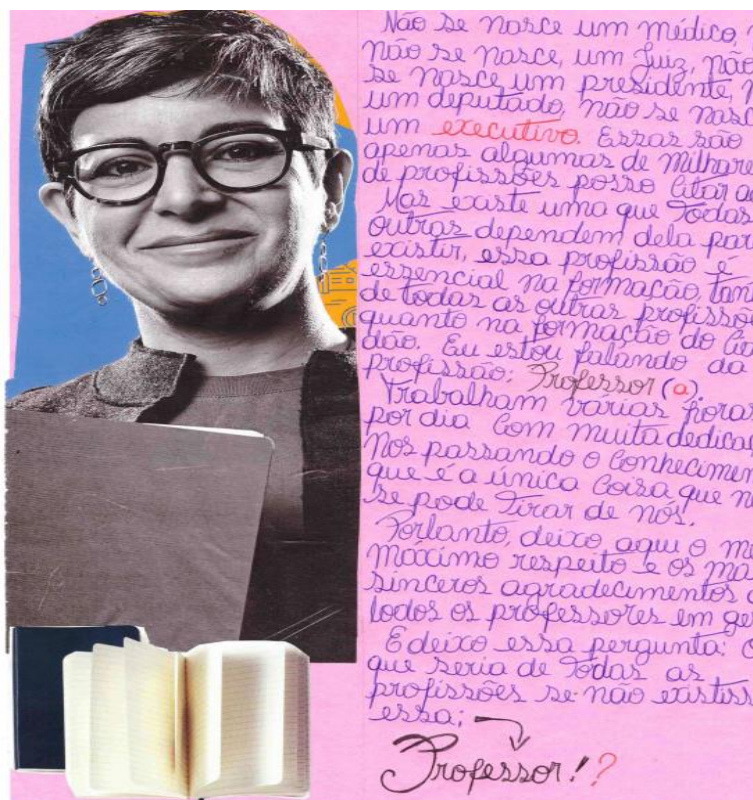


Figura 15: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

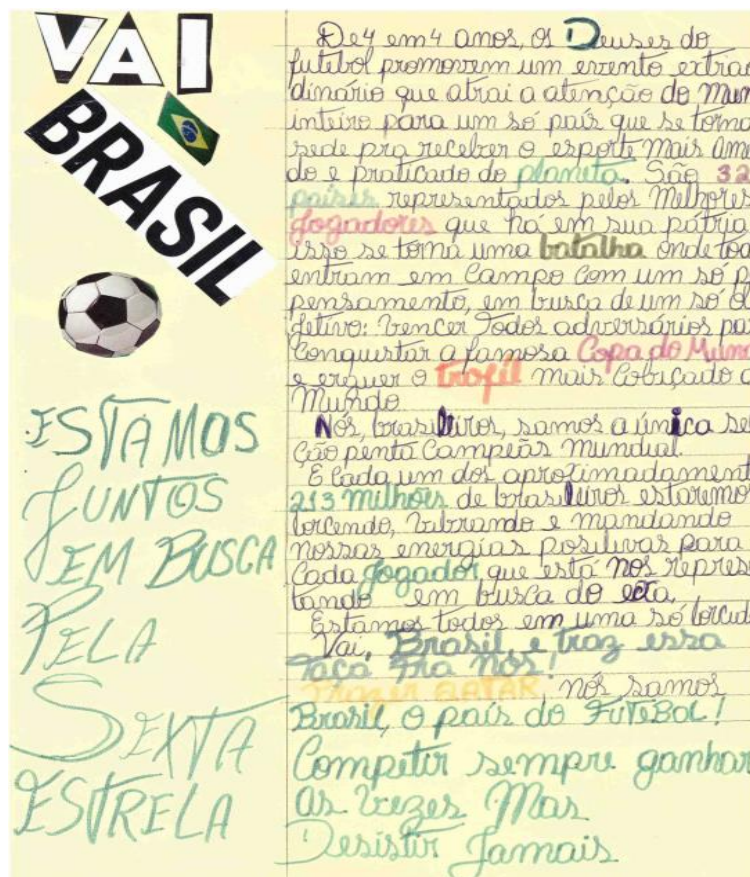


Figura 16: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

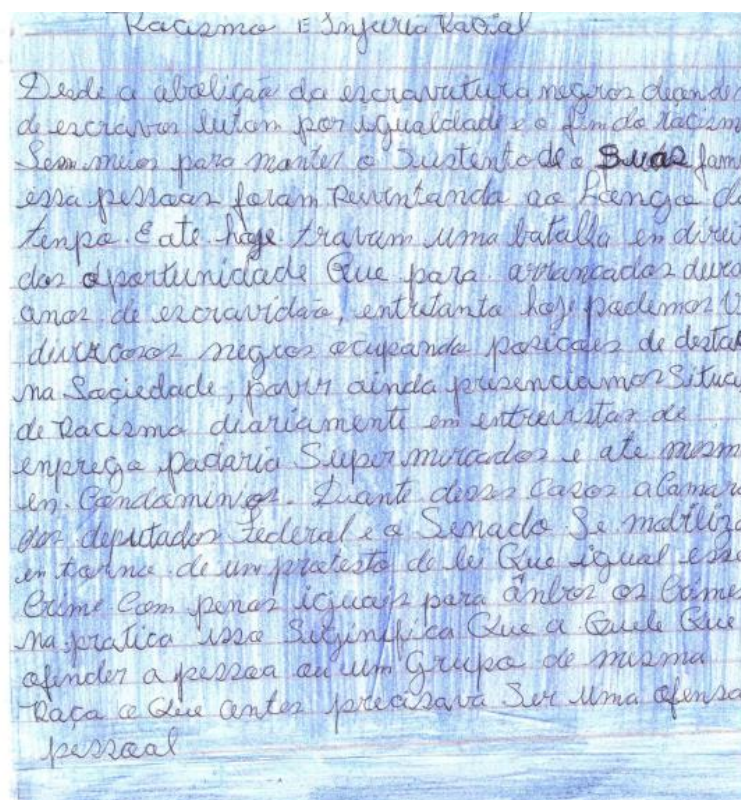


Figura 17: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

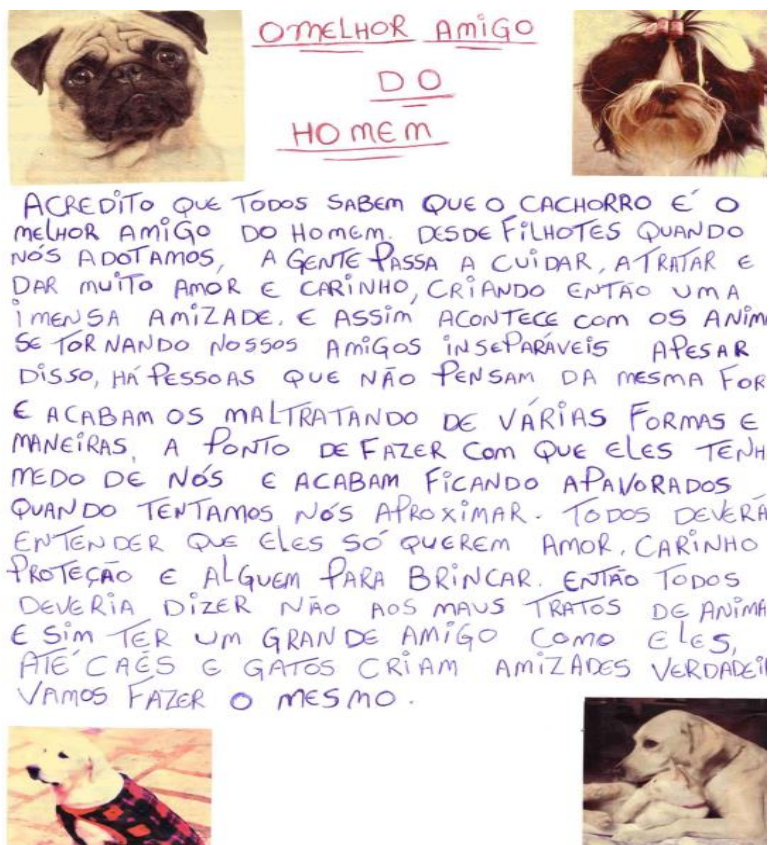


Figura 18: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

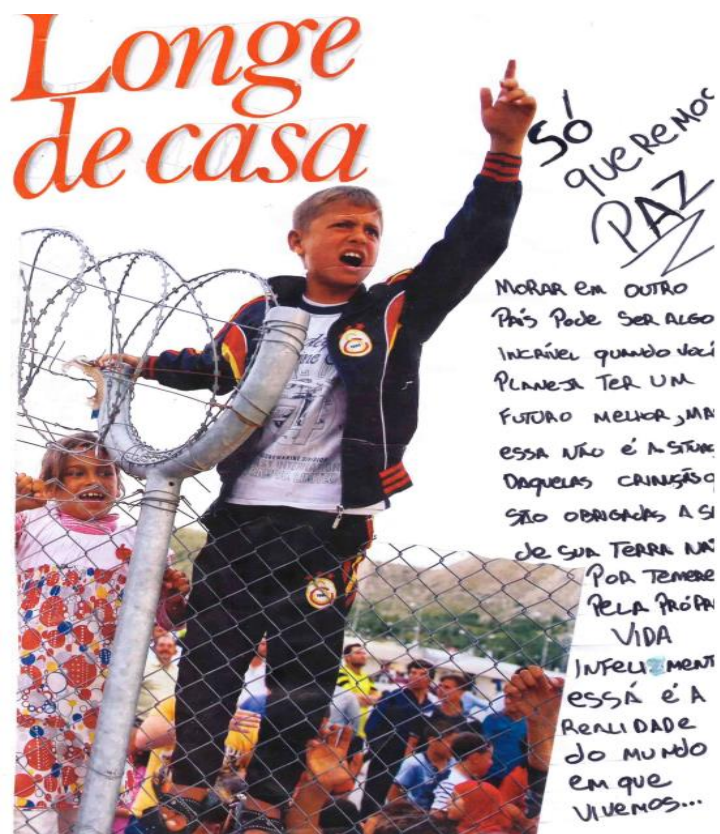


Figura 21: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

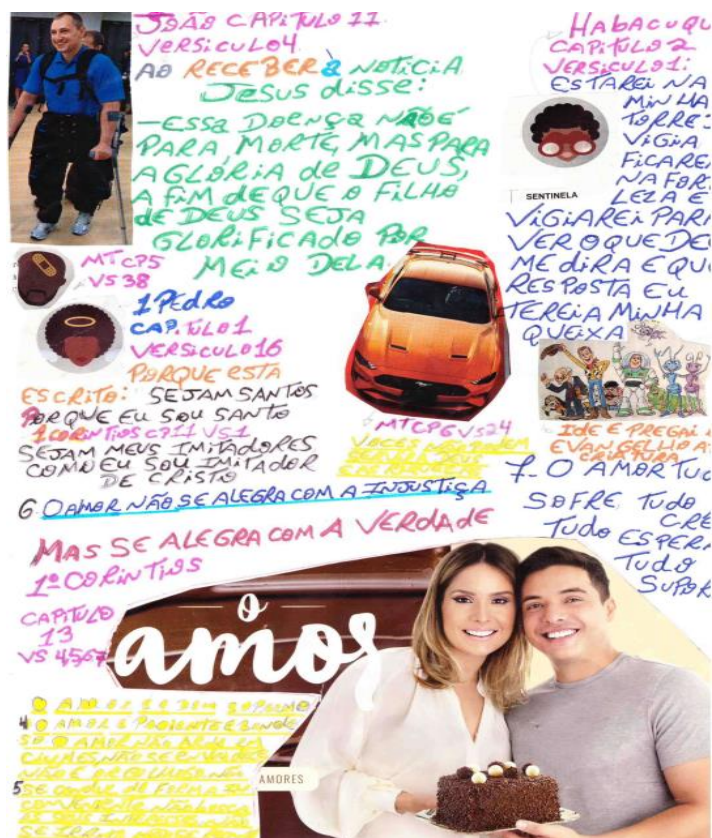


Figura 22: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

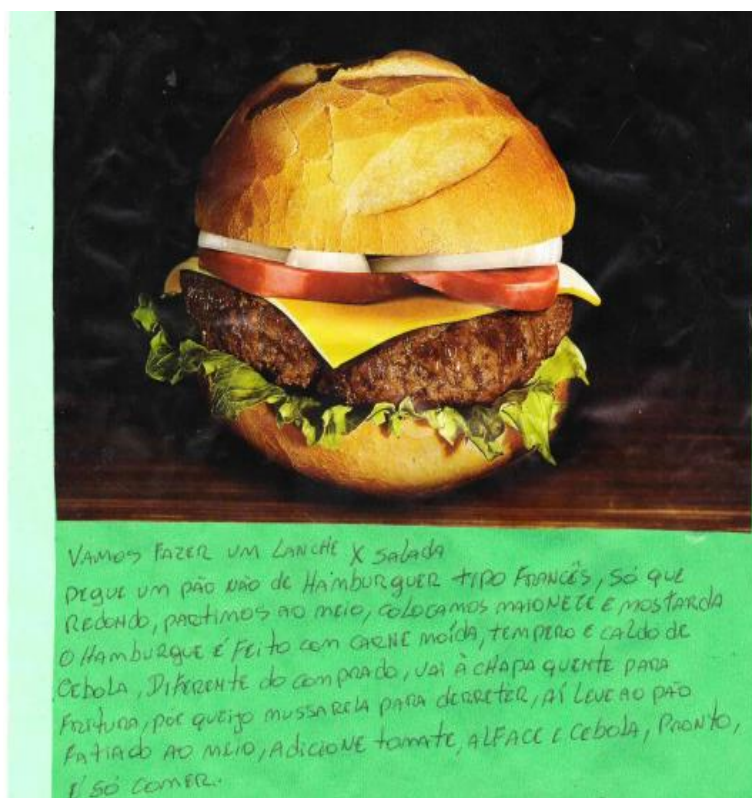


Figura 23: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

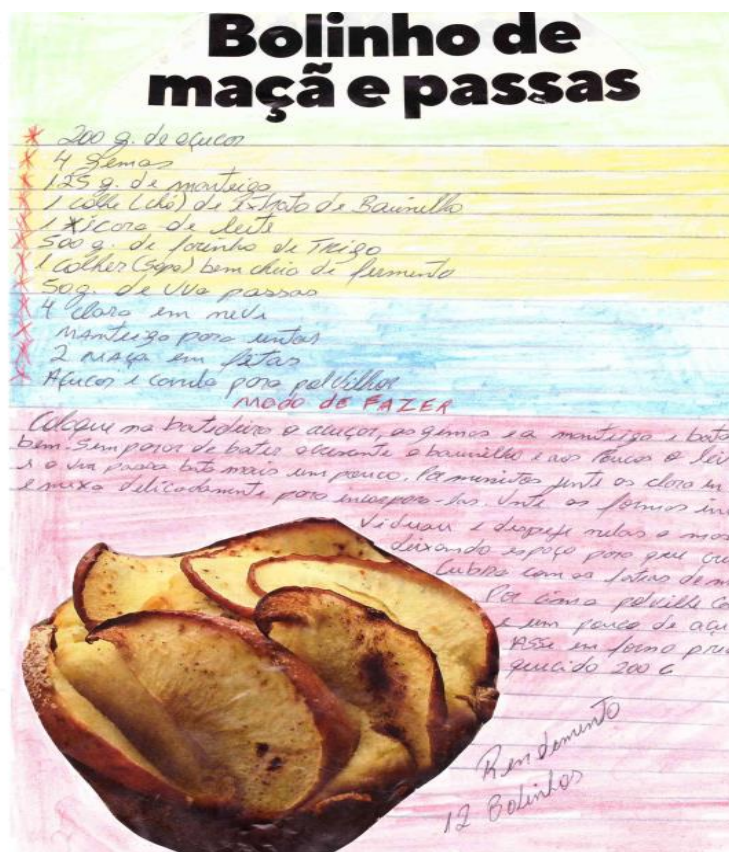


Figura 24: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

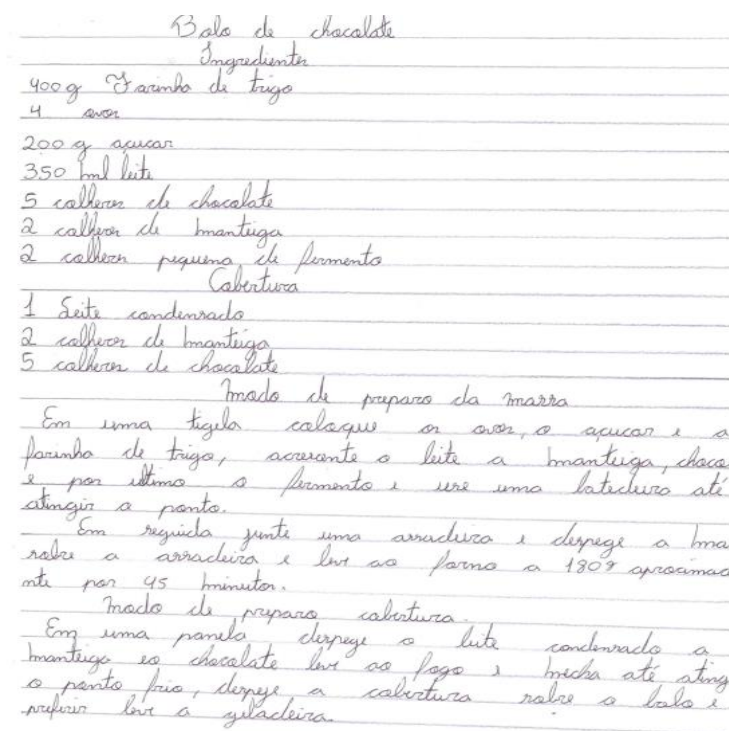


Figura 25: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 26: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

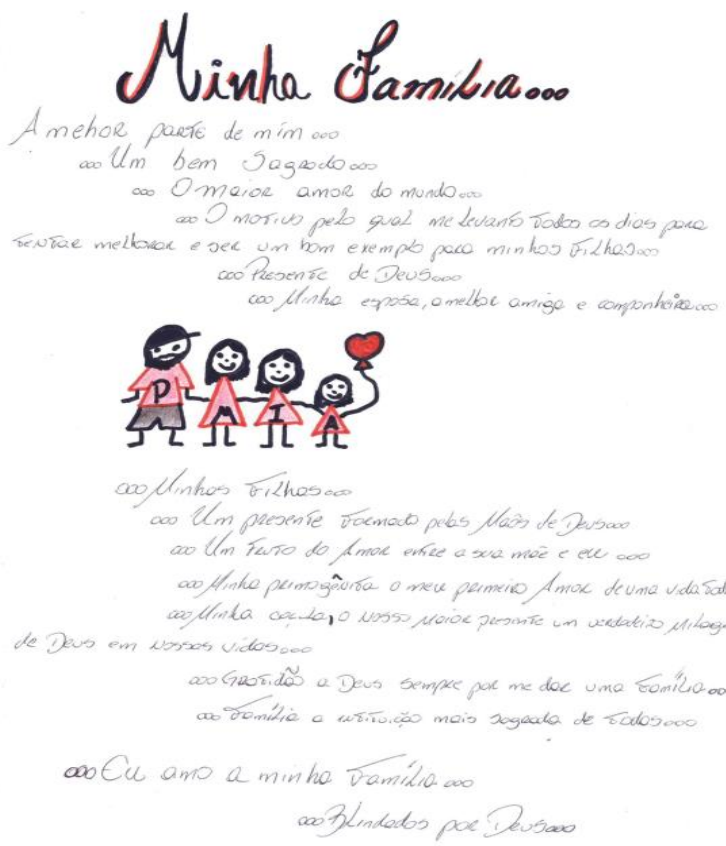


Figura 27: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 28: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

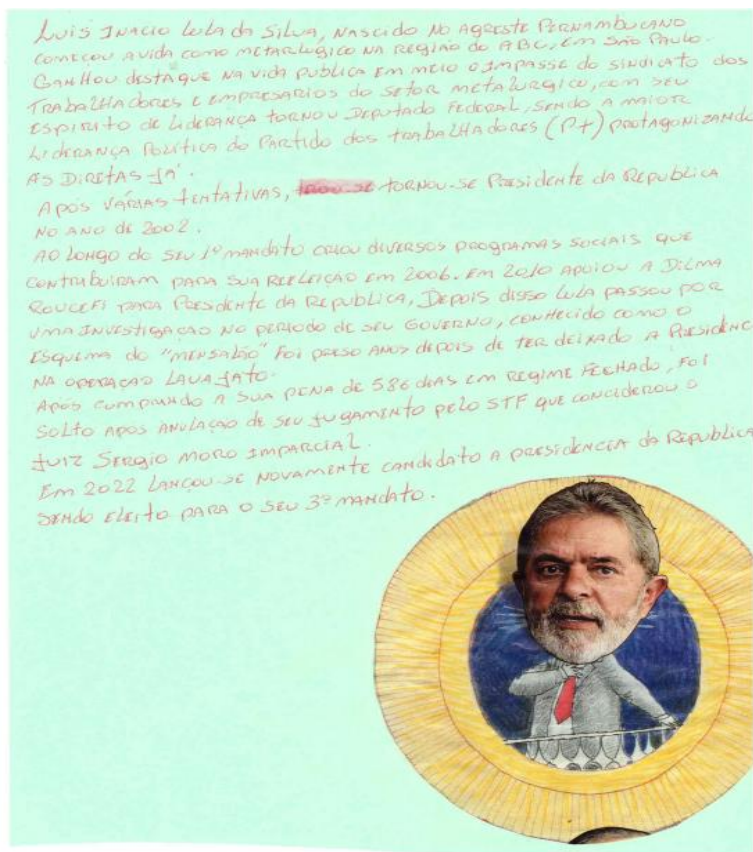


Figura 29: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 30: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

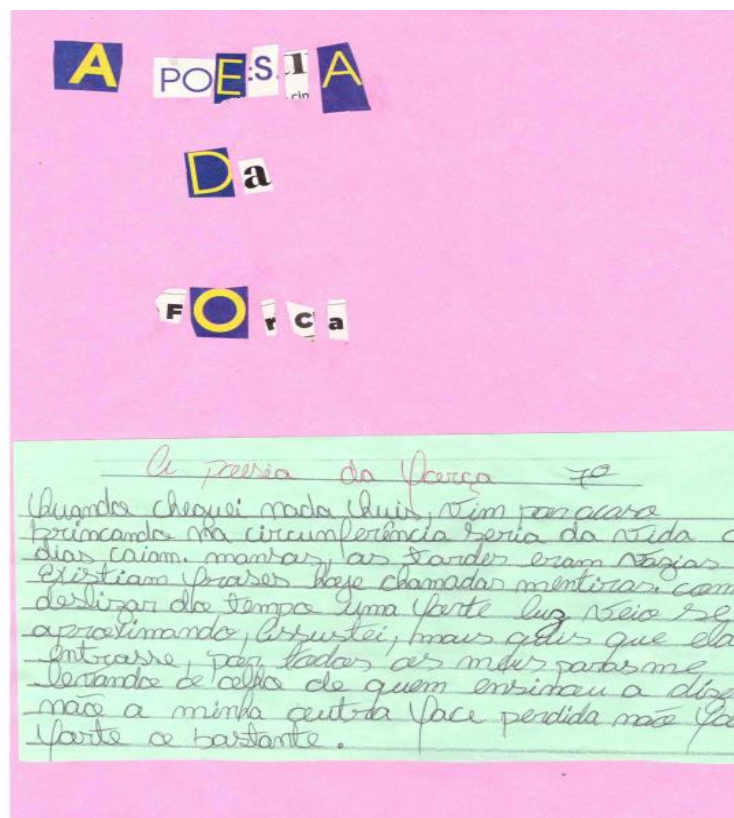


Figura 31: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 32: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

A vida

A vida é um lugar onde gente paga pelas horas
de amor, amizade, uma festa com 12 pessoas pagando amizade
momentos vividos e jogamos bola. O real é a festa de aniversário
uma festa feita de alegria, festa de aniversário, festa de aniversário
da família, festa de aniversário, festa de aniversário, festa de aniversário
nada comer. A festa de aniversário, festa de aniversário, festa de aniversário
idêntica para passar horas uma festa de aniversário, festa de aniversário
da família, festa de aniversário, festa de aniversário, festa de aniversário
e paraceuê, festa de aniversário, festa de aniversário, festa de aniversário
pensamos, festa de aniversário, festa de aniversário, festa de aniversário
comitamos, festa de aniversário, festa de aniversário, festa de aniversário

Figura 33: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

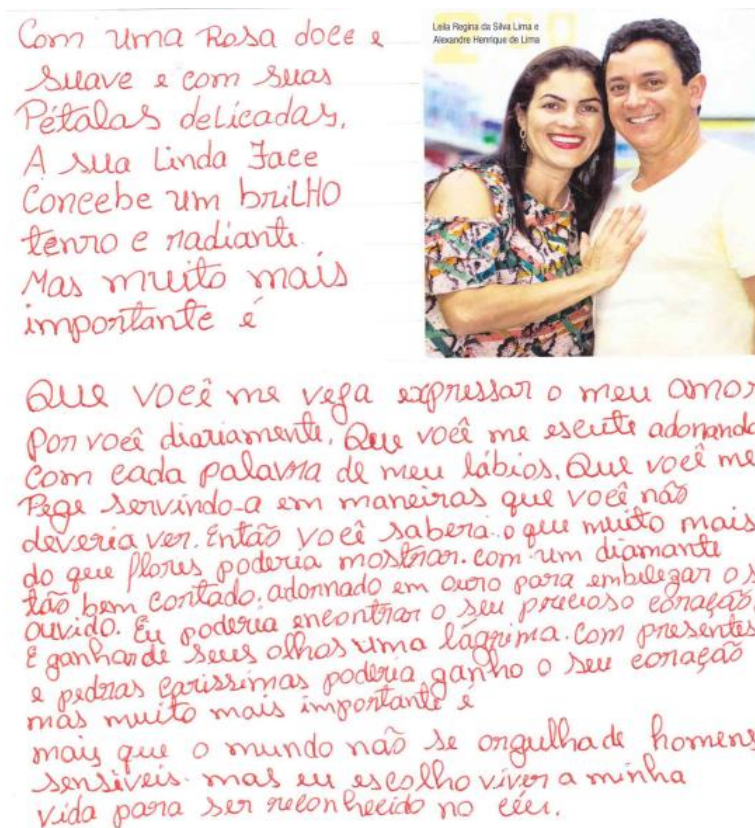


Figura 34: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

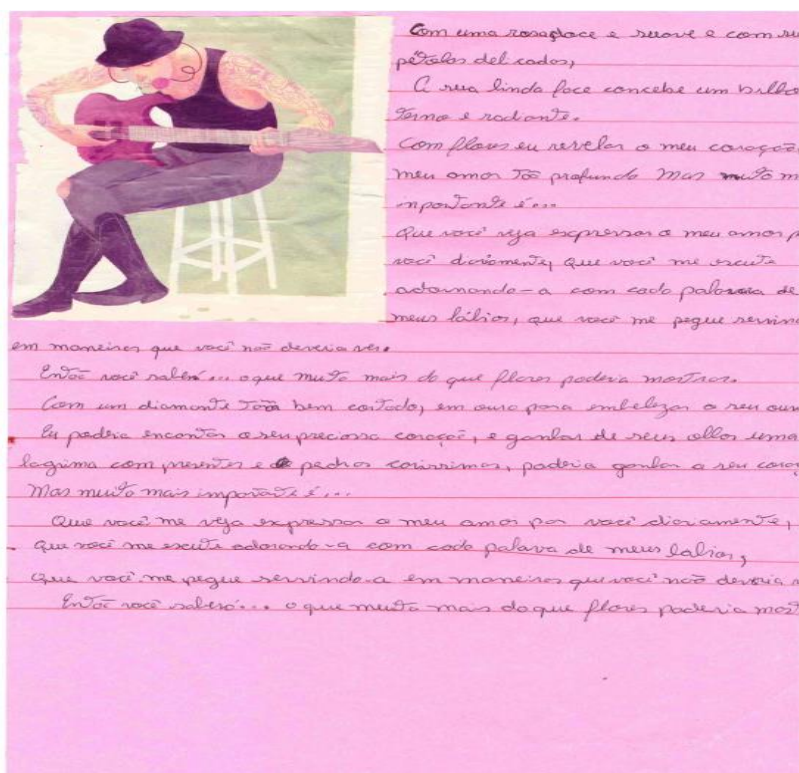


Figura 37: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

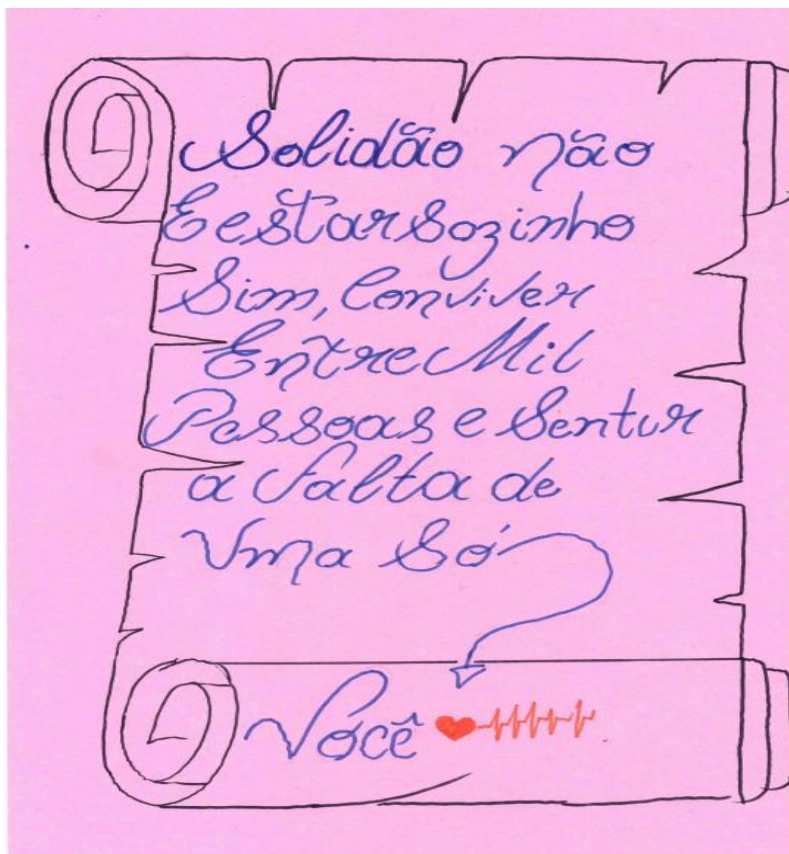


Figura 38: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 39: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



Figura 40: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

A Carla Maria Sueli mascina
 Mãe NUNCA passo em minha mente
 em um dia te perder, foi uma dor
 que já mais poderia sentir
 Tenho a total consciência que era o
 destino, mais queria poder prever o que iria
 acontecer. Sem tempo e não podendo me
 despedir de você o meu coração sangra
 de dor e saudade da Senhora
 queria te pedir desculpa pelos os meus erros
 e em ter perdido os meus caminhos
 Sei que te fiz chorar te magoei e hoje
 sem a sua presença carrego comigo o
 sentimento de arrependimento de não ter esculta
 te abraçar e dizer o quanto eu te amo
 MAIS TENHO em meu coração que da onde
 a Senhora esta A Senhora esteja você
 esta me protegendo e me guiando
 tá muito difícil não poder te ver e
 muita maldade não poder te ter sem
 determinação vou carregar o seu legado
 de amar, cuidar, e zelar
 Quero que saiba sempre levarei a
 Senhora em minha Alma e não em
 meu coração, pois um dia meu coração
 irá parar de bater, mais minha
 Alma já mais irá de deixar de
 existir

Figura 41: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos

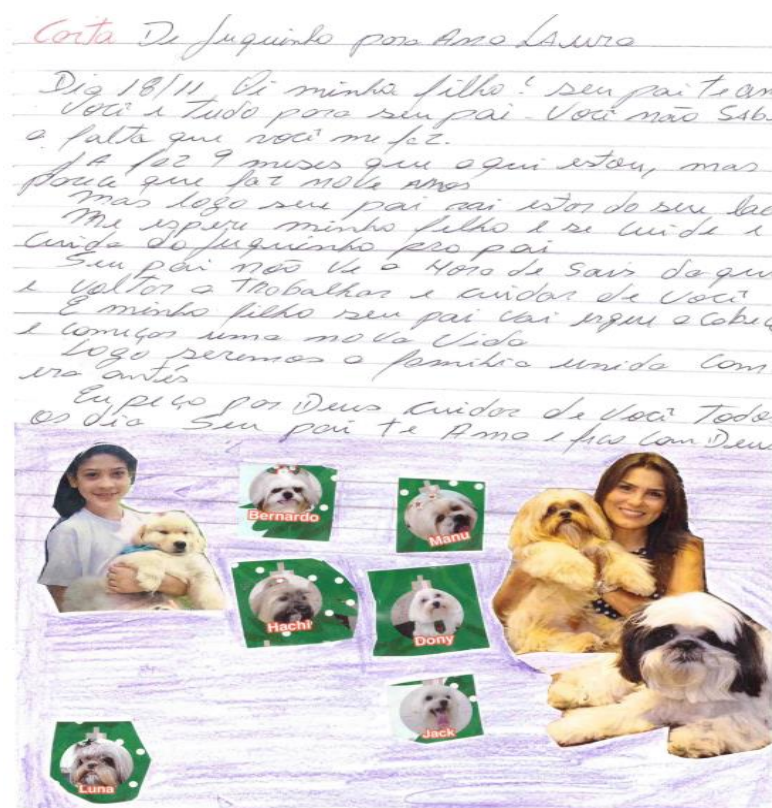
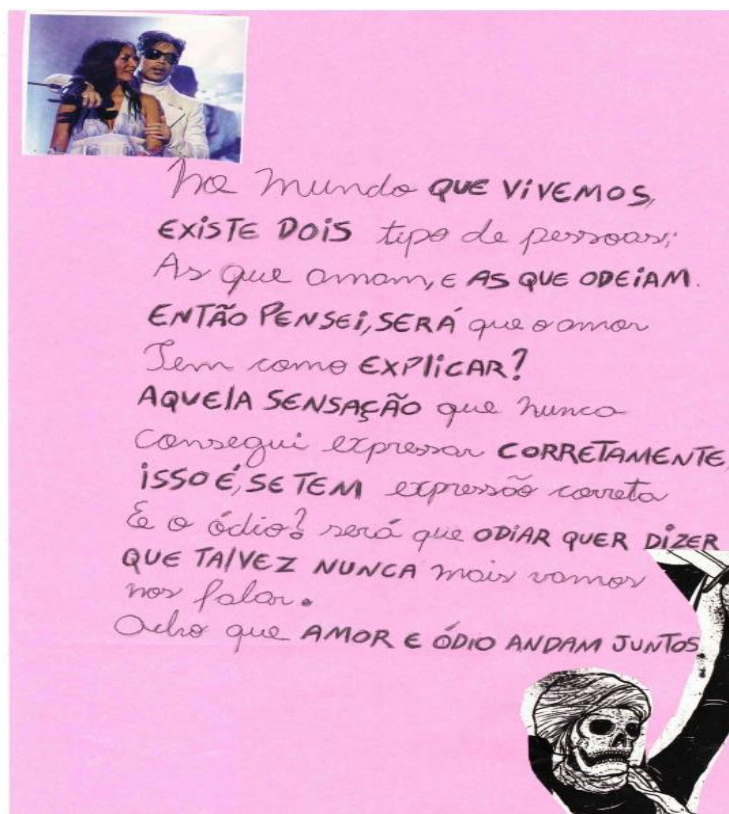


Figura 42: Páginas dos fanzines elaborados pelos educandos



4ª Oficina – Inspiração pós-Copa

Diante de uma pausa devido a um acontecimento marcante no espaço, a Copa do Mundo de Futebol (2022), a quarta oficina ocorreu somente depois de quase um mês da terceira oficina. Fiquei apreensiva achando que os educandos teriam desanimado. Porém, o que aconteceu foi ao contrário. Voltaram cheios de ideias.

“Professora, ó o que anotei... cê acha que dá pra fazer algo usando isso?” (D.C.)

“Reescrevi aquele texto lá, professora... melhorei ele, tava meio ruim, achei. Dá uma olhada aí pra mim, fazendo um favor.” (D.C.)

Com as produções finalizadas, organizamo-nos para definir o “editorial” do fanzine, como seções e título, por exemplo.

Durante os diálogos, várias ideias surgiram, como dividir os textos em volumes.

“Professora, dá pra fazer mais de um fanzine, hein? Que cê acha?” (D.C.)

“É, professora, temos bastante texto, de vários assuntos... e se separarmos por tema?” (D.C.)

E assim, um dos educandos foi à lousa para anotar os temas mais trabalhados nos textos, que foram: cartas, poesias, biografia, autobiografia, receitas, resenhas e empreendedorismo.

A partir desses temas, os educandos resolveram criar uma divisão em grupos, sendo 3, que gerariam os volumes dos fanzines. No grupo 1, ficaram: cartas, poesias, biografia e autobiografia. No grupo 2, receitas, resenhas e diversos. Já no grupo 3, colocaram os textos sobre empreendedorismo e editorial.

Depois disso, foram à definição do nome que dariam ao fanzine. Vários foram dando sugestões e decidiram por fazer uma votação entre os nomes citados: A “verdade é o caminho” (2 votos), “Multi Notícias” (6 votos), “Conflito de Mentes” (6 votos), “Organize-se” (1 voto), “R.V – C.R” (1 voto), “Comunicação Aberta” (1 voto) e “Ainda há esperança” (6 votos). Entre os três nomes mais votados, fizeram uma nova votação e o título escolhido foi “Conflito de Mentes”.

Perguntei se haviam gostado do resultado. Responderam que sim, que no fim das contas, tudo que estavam produzindo representava um conflito entre mentes diferentes, mas que estavam vivendo a mesma coisa, no mesmo lugar.

Depois dessa definição, perguntaram como ficaria a produção das capas. Perguntei o que achavam de formarmos três grupos, cada grupo ficando responsável por uma capa. Gostaram da ideia e eles mesmos começaram a se organizar em

grupos.

Expliquei que haveria uma nova pausa, devido ao recesso escolar, formatura e demais acontecimentos internos da unidade. Mas, pedi para que não desanimassem, que continuaríamos com as oficinas em janeiro, para finalizar a produção dos fanzines.

“Aí já vamo deixar eles prontos, professora? Daquele jeito que cê mostrou pra nós que fica?” (D.C.)

5ª Oficina – FinalizaÇÃO: juntando e organizando as produções

Ainda nas férias escolares, retornei à unidade para a finalização dos fanzines. Os educandos foram avisados pela diretora que eu iria nessa sexta-feira 13. Eles me aguardavam na sala, no mesmo horário de costume.

“Ô professora, até nas férias cê vem aqui?” (D.C.)

“Que bom que já vamo terminar né? Quero ver como vai ficar...” (D.C.)

Assim, os educandos foram se ajeitando para a produção das capas dos volumes dos fanzines, conforme os grupos, que já haviam sido definidos na última oficina.

Optaram por fazer capas tirando ideias dos textos que se encaixavam nos temas. Dois educandos se propuseram a organizar os textos e destacar os pontos chave que estariam presentes em cada volume, seguindo os temas apresentados. Nessa organização, os textos também foram colocados em ordem, também seguindo os temas.

Com isso, começaram a produzir as capas, com letras diferentes, recortes, colagens e desenhos. Lembraram que também precisavam fazer a contracapa de cada volume. Mãos à massa!

“Ficou da hora esse desenho aqui? Cê acha que dá certo com o título?” (D.C.)

“Ó, cola essa imagem ali...” (D.C.)

Encontravam palavras que faziam referência ao título ou ao tema e resolviam recortar para colar na capa ou na contracapa. E assim finalizaram essa etapa.

A seguir, imagens das capas dos três volumes do Fanzine “Conflito de Mentas”.

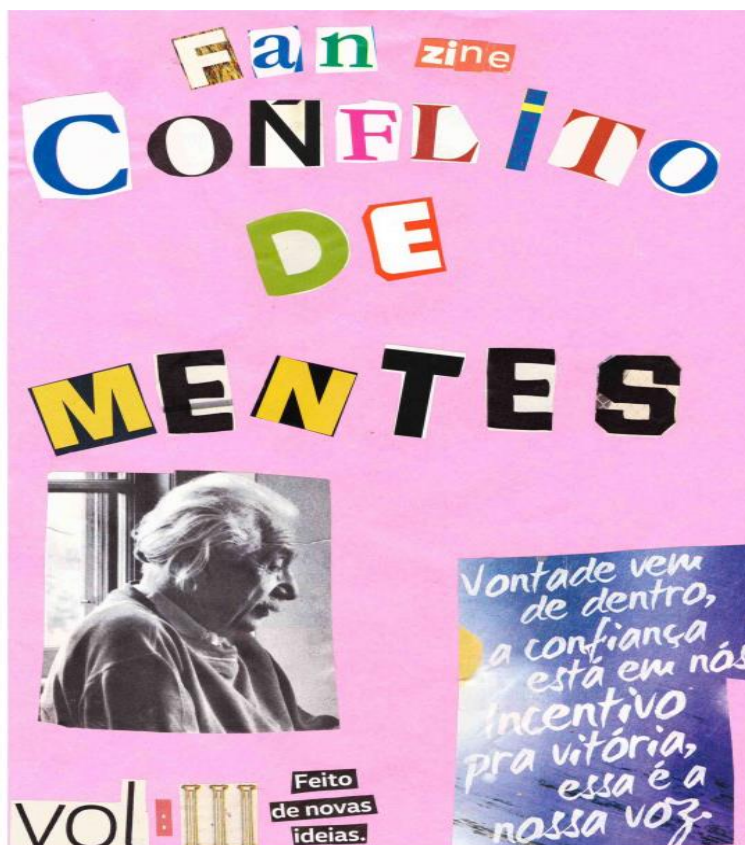
Figura 43: Capa Fanzine “Conflito de Mentas – vol. I”



Figura 44: Capa Fanzine “Conflito de Mentas – vol. II”



Figura 45: Capa Fanzine “Conflito de Mentes – vol. III”



Conversamos sobre como gostaríamos que fosse o acabamento dos fanzines: com cola? Grampeados? Costurados?

“Ah, professora, a gente quer igual aquela ideia que cê trouxe... fica bonito com linha colorida, né?” (D.C.)

“Sim, fica chique... com cola fica simples... com grampo fica feio, não fica?” (D.C.)

Entre eles, chegaram, então, ao consenso de que queriam os fanzines costurados.

Com as capas e as contracapas produzidas e com os textos separados e organizados, chamei-os para juntos contarmos quantas páginas teria cada volume. Expliquei a próxima etapa, que, diante do que foi definido e das limitações que teríamos ali, precisaríamos pedir autorização à direção para seguirmos e eu realizar uma etapa aqui fora. Essas etapas consistiram em: um dos educandos, que trabalha no administrativo, digitalizar as páginas e me enviar por e-mail para eu imprimi-las e retornar na próxima oficina com as impressões e os instrumentos, como linhas e agulhas, autorizadas pela direção, para a montagem do nosso produto. Aqui, é

importante ressaltar que nem sempre conseguimos autorização para usar o material que queremos, como destacado por Feitosa (2020), que, em suas oficinas em uma unidade prisional feminina, não obteve autorização para entrar com revistas e tesouras.

6ª Oficina – O acabamento: a materialização do pensar e sentir

Com a autorização da direção, conseguimos dar andamento às etapas descritas no final da oficina anterior. Recebi as páginas por e-mail, organizadas e separadas por volume. Realizei a impressão delas, em uma quantidade que desse para entregar um exemplar de cada volume para cada participante, e levei os materiais para a costura.

Quando cheguei, esperavam-me ansiosos. Queriam ver como havia ficado tudo que tinham produzido. Será que ficariam surpresos ou se decepcionariam?

Entreguei as páginas impressas e disse que ainda precisava dobrá-las, pra montarmos o fanzine antes de iniciarmos com a costura dos mesmos.

Sem nem estarem dobradas, os educandos impressionaram-se com as páginas.

“Professora, que bonito que ficou, tudo colorido!” (D.C.)

“Não imaginava que ia ficar assim, não... que legal!” (D.C.)

“Sim, legal ver o que a gente fez nesse formato, né? Chique demais...” (D.C.)

Começaram a dobrar, com pressa, para costurarem e verem logo os fanzines prontos.

Perguntei quem gostaria de realizar a costura. Tivemos mais voluntários do que agulhas – que eram seis. Entre eles, decidiram-se quem iria costurar e quem iria dar o acabamento final, que consistia em cortar as linhas. Um colocava a linha na agulha para o outro, que costurava, e o outro cortava.

As linhas, coloridas, também chamaram a atenção deles, que optaram por usar o maior número de cores possível, e não somente uma, como é possível verificar nas figuras 46 e 47:

Figura 46: Detalhes da costura dos fanzines



Conforme iam terminando, perdiam-se entre folhear as páginas e compartilhar o que haviam achado.

Figura 47: Os fanzines finalizados



“Ficou muito bom mesmo!” (D.C.)

Aproveitei que estavam em roda e entusiasmados para fazer algumas perguntas sobre as oficinas, como:

- Quais foram as primeiras impressões sobre as oficinas?

“No início, pensei que cada um fosse fazer sua revistinha... mas achei legal como aconteceu.” (D.C.)

“No começo eu não tava entendendo... tive medo de não saber fazer... agora olho e fico orgulhoso por ter conseguido participar.” (D.C.)

“Achei extraordinário... um trabalho bonito pra ressocializar e mostrar pros familiares.” (D.C.)

Sobre querer compartilhar com os próximos, os resultados obtidos nas oficinas realizadas por Lopes, Borba e Monzeli (2013) também destacam essa vontade dos participantes:

Todos os jovens afirmaram ter gostado tanto do processo quanto dos resultados, referindo satisfação pessoal em produzir e distribuir algo de sua própria autoria. Disseram ter mostrado a produção para pessoas próximas, como familiares e amigos, apontando ainda que gostariam de repetir a experiência (p. 943).

- O que foi mais motivador durante as oficinas?

“Foi poder usar a liberdade de expressão.” (D.C.)

“Eu acho que foi expressar nossos sentimentos e pensamentos.” (D.C.)

“Forçar a mente, porque aqui ela fica parada, né?” (D.C.)

“Me motivou a estudar mais, ler mais, escrever mais aqui.” (D.C.)

- O que os desmotivou?

“Ah, eu queria escrever sobre a copa, achando que o Brasil ia ganhar, né? Fiquei frustrado...” (D.C.)

“Que os horários das oficinas era durante a hora que a gente podia usar a quadra.” (D.C.)

“Alguns problema pessoais.” (D.C.)

“Podia dar remição dessas oficinas também, né? A gente ia ficar mais motivado.” (D.C.)

“Algumas preocupações lá de fora, sabe? Ficar pensando nas coisas...” (D.C.)

“Ando meio desanimado, meu processo tá parado...” (D.C.)

- Quais as principais dificuldades?

“Tive dificuldade pra entender como a gente ia montar, mas depois entendi.”
(D.C.)

“Ah, trabalhar em grupo.” (D.C.)

“Entender algumas diferenças de ideias.” (D.C.)

- Quais foram os melhores momentos das oficinas? Do que mais gostaram?

“As trocas de ideias entre a gente.” (D.C.)

“Trabalhar em grupo, em equipe, a união pra decidir as coisas.” (D.C.)

“A hora de finalizar, foi muito bonito.” (D.C.)

“Ver o resultado do nosso trabalho quando a professora trouxe tudo imprimido.”
(D.C.)

“Ler a revistinha pronta, colorida, costuradinha.” (D.C.)

“Quando a gente usava a criatividade.” (D.C.)

“Quando a gente pensa e depois cria... ver acontecer, ver que somos capazes.”
(D.C.)

“O pensar no projeto, esse momento foi mais importante pra mim... me peguei no alojamento pensando na revistinha, no fanzine.” (D.C.)

“Ver a dedicação dos colegas.” (D.C.)

“Saber que somos capazes de fazer coisas diferentes...” (D.C.)

- O que vocês mudariam?

“Eu acho que acrescentaria mais páginas, pra ter uma revistinha maior.” (D.C.)

“A remição.” (D.C.)

“Colocaria mais textos, e textos mais curtos... porque acho que cansa ler textão.”
(D.C.)

“Faria que nem gibi, com quadrinhos, sabe?” (D.C.)

- Qual a importância da arte no sistema prisional?

“Distração da mente.” (D.C.)

“A expressão do que pensamos e sentimos.” (D.C.)

“O autoconhecimento.” (D.C.)

“A nossa expansão nesse lugar.” (D.C.)

“Conhecer coisas ‘da rua’ aqui dentro.” (D.C.)

- O que o fanzine representa para vocês atrás das grades?

“Aprendizado.” (D.C.)

“Arte.” (D.C.)

“Sabedoria.” (D.C.)

“Cultura.” (D.C.)

“Liberdade de expressão.” (D.C.)

“Respeito.” (D.C.)

“Pontos de vista diferentes.” (D.C.)

“Liberdade.” (D.C.)

Por fim, compartilharam ideias e diálogos, entre eles, do que poderiam fazer aqui fora, usando os aprendizados que surgiram nas oficinas.

“Dá pra fazer ele menorzinho...” (D.C.)

“Dá pra fazer um fanzine só com versículos da bíblia.” (D.C.)

“E se vender eles, né? Cê acha que dá pra vender por quanto?” (D.C.)

“Também dá pra distribuir na rua...” (D.C.)

“Vou fazer um pro meu filho.” (D.C.)

4.2 Discussão dos resultados

A partir do desenvolvimento das oficinas, foi possível organizar as informações principais e iniciar o processo da análise dos dados obtidos, para, principalmente, verificar se os objetivos do presente estudo foram cumpridos – o que corroborou para a criação dos tópicos desta seção, considerando os aspectos mais gerais e comuns entre as oficinas.

4.2.1 Os processos educativos encontrados através da arte

Os processos educativos que surgiram a partir da produção de fanzines em oficinas no Centro de Ressocialização de Jaú, que é o objetivo principal desta pesquisa, foram encontrados a partir da análise das falas e dos comportamentos dos educandos durante a realização das atividades.

O primeiro processo educativo encontrado foi a **autonomia**. Como as oficinas foram realizadas com os educandos, e não para os educandos, esse processo foi muito importante para o desenvolvimento das atividades e no resultado dos fanzines.

Por sermos seres de cultura, nós, homens e mulheres, somos necessariamente dependentes. Assim, ser autônomo é ter a capacidade de assumir essa dependência radical derivada de nossa finitude, estando assim livres para deixar cair às barreiras que não permitem que os outros sejam outros e não um espelho de nós mesmos. [...] a autonomia é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de variadas e inúmeras decisões que vamos tomando ao longo de nossa existência. [...] Por isso a autonomia é a experiência da liberdade (Machado, 2019, p. 61).

A escolha pela divisão das produções em volumes foi feita pelos próprios educandos, assim como a separação dos textos por tema, além da organização entre eles em grupos.

No decorrer das oficinas, os educandos mostraram mais atitudes autônomas, como a definição do acabamento dos fanzines, sendo costurados, e quem, entre eles, realizaria essa tarefa.

Além disso, na conversa final, também mostraram autonomia questionando se daria para vender os fanzines na rua ou distribuí-los.

Outro processo educativo encontrado nas oficinas foi o desenvolvimento da **autoconfiança** e da **confiança no outro**. Na segunda oficina, por exemplo,

Um dos educandos, por ora, não quis dar andamento. Disse que achava muito difícil e que não tinha capacidade. Porém, vendo os colegas ali presentes rascunhando as ideias e colocando no papel, disse que gostaria de tentar, e participou (Diário de Campo).

Para Fernandes (2019, p. 97), “a confiança é construída por atitudes de respeito como acolhimento, nos limites das relações humanas possíveis, entremeadas de afeto e de disponibilidade para o diálogo”.

Aqui, mostra-se a “reflexão de como é importante respeitar o outro, de olhar mais pelo outro, de se colocar no lugar do outro: todos temos dores, tristezas e formas de lidar com ela” (Curtis, 2020, p. 17).

Entre as oficinas, os **diálogos** também foram um processo educativo bastante utilizado. Os educandos conversaram sobre as produções, “trocavam ideias” sobre elas, e falavam sobre a rotina deles ali naquele espaço.

No meio disso tudo, algumas conversas surgiram, como alguns contando que um educando, que havia participado da oficina anterior, havia pegado “bonde” – transferência para outra unidade, por mal comportamento. Era um educando que estava bem empolgado com a ideia das oficinas (D.C.).

Para Kitkoski (2019, p. 140),

[...] O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora.

Já Freire (2021, p. 109), defende que o diálogo é um encontro:

[...] é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*, não se esgotando, portanto, na reação eu-tu.
[...] Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

A **atenção** e o **interesse** direcionados às atividades também foram processos educativos identificados nos encontros, como o desconforto deles quando outro professor causou tumulto no meio de uma das oficinas:

os educandos comentaram que esperavam que o professor fosse entender que eles estavam fazendo uma atividade e que não poderiam dar atenção a ele naquele momento (D.C.).

Essa mesma atenção, que era dedicada nas oficinas, causava ansiedade nos educandos, que “esperavam-me ansiosos. Queriam ver como havia ficado tudo que tinham produzido”. Além disso, foram atenciosos na escolha dos materiais, principalmente na finalização, com a escolha das linhas para a costura dos fanzines. Assim,

conforme iam terminando, perdiam-se entre folhear as páginas e compartilhar o que haviam achado (D.C.).

Também pensavam nas produções enquanto não estavam nas oficinas:

“O pensar no projeto, esse momento foi mais importante pra mim... me peguei no alojamento pensando na revistinha, no fanzine.” (D.C.).

Outros processos que se intercalam ao processo da atenção são o da **dedicação** e da **motivação**, aqui compreendidos como comprometimento, que, para Freire, vindo das classes populares, é uma possibilidade de resistência. Costa (2019, p. 93) completa essa ideia: “o comprometimento que se estabelece no processo educativo libertador é a afirmação da liberdade”.

Mesmo tendo acontecido uma pausa no desenvolvimento das oficinas devido a um acontecimento marcante no espaço, a Copa do Mundo de Futebol, os educandos retornaram cheios de ideias. Também se mostraram dedicados quando precisavam de voluntários nas atividades, como no momento da costura, em que houve mais voluntários do que agulhas.

Além disso, mostravam-se motivados durante a realização das atividades:

“No começo eu não tava entendendo... tive medo de não saber fazer... agora olho e fico orgulhoso por ter conseguido participar.” (D.C.).

Mas, também esperavam uma outra motivação:

“Podia dar remição (de pena) dessas oficinas também, né? A gente ia ficar mais motivado.” (D.C.).

Porém, houve também, em meio a tudo isso, a **frustração**:

“Ah, eu queria escrever sobre a copa, achando que o Brasil ia ganhar, né? Fiquei frustrado...” (D.C.).

Naquele ambiente, muitas são as frustrações que surgem no dia a dia. Os educandos ficam indignados com muitas coisas, principalmente com a própria realidade. Para Freire (2019, p. 261), a indignação é necessária para lutar por mudanças.

Respeito às diferenças foi outro processo educativo encontrado durante as oficinas. Apresentaram o entendimento das diferenças entre as próprias ideias, quando um mostrava gostar de algo, ou optar por algo, e outro não. Isso foi desenvolvido a partir do trabalho em grupo, onde se uniram para a tomada de decisões referentes aos fanzines.

Conforme Pitano (2019, p. 417), o respeito “compreende a atitude ou postura de uma pessoa em relação a outra, a um objeto ou a uma instituição”. Dessa forma,

ele desempenha um papel importante no processo de humanização e de libertação dos seres.

A partir das produções, apresentaram muita **criatividade**:

“Dá pra fazer ele menorzinho...” (D.C.).

“Dá pra fazer um fanzine só com versículos da bíblia.” (D.C.).

“Vou fazer um pro meu filho.” (D.C.).

Lopes, Borba e Monzeli (2013) pesquisaram o uso do fanzine como recurso para a terapia ocupacional social, realizando oficinas com jovens. Na pesquisa, as autoras ressaltam a importância dessa atividade, destacando:

três importantes aspectos que este pode proporcionar àqueles que se envolvem com sua elaboração e confecção: a) a discussão crítica sobre aspectos gerais da sociedade; b) a expressão livre de ideias, sem cobranças ou censura; c) a satisfação pessoal de produzir e publicar algo de sua autoria (p. 941).

Além disso, as autoras trazem como o fanzine proporciona visibilidade às pessoas envolvidas no processo:

visibilidade como um fator que se agrega à participação, portanto, potencializa a adesão de novos jovens à proposta; a visibilidade como a possibilidade de o jovem se ver e se perceber, além de também ser visto e percebido de uma outra forma (p. 943).

4.2.2 A expressão e a humanização atrás das grades a partir dos fanzines

Os fanzines funcionaram como uma ferramenta de expressão dos educandos, que apresentaram falas como:

“[...] quando estou escrevendo, esqueço de tudo que estou passando, que não está sendo fácil...” (D.C.)

“[...] a mente vai afunilando no sistema... sei lá, a gente tá aqui, parece que tá tudo atrofiado... daí começa a escrever, e a mente vai afunilando, sabe?” (D.C.).

“Foi poder usar a liberdade de expressão.” (D.C.).

“Eu acho que foi expressar nossos sentimentos e pensamentos.” (D.C.).

“Forçar a mente, porque aqui ela fica parada, né?” (D.C.).

“Quando a gente pensa e depois cria... ver acontecer, ver que somos capazes.” (D.C.).

Para Curtis (2020, p. 17), “os meninos querem ser ouvidos, querem se expressar, muitas vezes não tinha como”.

Aqui, concordamos com Freire (2021, p. 40) que é importante:

reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. [...] A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica.

Porém, ainda segundo Freire (2021, p. 41), “a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*.”

Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (Freire, 2021, p. 46).

Além de poderem se expressar através dessa arte, os educandos tiveram acesso a momentos mais humanizantes naquele espaço, como identificado na segunda oficina:

Concentrados, os educandos seguiram em silêncio pensando. Este momento foi de grande importância, pois, segundo eles, foi um silêncio diferente do que estavam acostumados – aquele silêncio imposto, como regra do local (D.C.).

Ao final, também apresentaram como humanizante suas percepções:

“Achei extraordinário... um trabalho bonito pra ressocializar e mostrar pros familiares.” (D.C.).

“Saber que somos capazes de fazer coisas diferentes...” (D.C.).

Nisso, Freire (2021, p. 47) afirma que “quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios”.

Sendo assim, a partir da produção dos fanzines, os educandos expressam uma vontade de serem reconhecidos como autores, como também identificado por Accioly (2020).

4.2.3 A promoção de aprendizagens por meio das produções

Como as oficinas foram realizadas com a interdisciplinaridade de Português e Arte, os educandos tiveram oportunidades de obterem aprendizagens através das produções, principalmente nas escritas:

“Nunca escrevi um texto desse tipo...” (D.C.).

“Procurei essa palavra no dicionário... achei chique...” (D.C.).

“Me motivou a estudar mais, ler mais, escrever mais aqui.” (D.C.).

Dessa maneira, é notório que os educandos, tendo contado com os fanzines pela primeira vez, ali naquele espaço, conseguiram reconhecer-se como indivíduos capazes de *serem mais*, já que, conforme Freire (2021, p. 69),

A autodesvalia é outra característica dos oprimidos. [...] De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”.

Nesse processo de reconhecimento, ou de libertação, “a reflexão e a ação se impõem, quando não se pretende, erroneamente, dicotomizar o conteúdo da forma histórica de ser do homem” (Freire, 2021, p. 72).

Para complementar, Freire (2021, p. 108) defende que

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo.

Assim, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 2021, p. 108).

E, nesse ato de ação-reflexão, como palavras mais citadas nas respostas dos educandos às perguntas realizadas por mim na última oficina, destacam-se algumas que ressaltam as percepções deles sobre a produção dos fanzines:

Figura 48: Nuvem de palavras – percepções dos educandos sobre a produção dos fanzines



As palavras acima mostram os diversos significados que as oficinas de fanzines tiveram para os educandos, passando pelo autoconhecimento e chegando à liberdade, entrelaçadas pela criatividade, expressão e aprendizado. Diante disso, fica evidente o quanto esses encontros foram significativos e renderam além de boas páginas de fanzines.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever um trabalho acadêmico sobre o que pode emergir a partir de oficinas de fanzines em um ambiente de restrição e privação de liberdade traz várias reflexões.

Em primeiro momento, o entendimento sobre o funcionamento desses espaços, quem são as pessoas que ali estão, o que esperam da educação ali e suas perspectivas para quando chegar a tão sonhada “liberdade”. Esse entendimento vai além de qualquer pesquisa acadêmica. Ser uma pessoa que já estava inserida no contexto pôde facilitar a trajetória. Porém, o olhar “humano” requer vencer as barreiras que são impostas, tanto pela sociedade, quanto pelo sistema. Enfim, acima de tudo, enxergá-los humanos, como são.

Levar os fanzines, que já eram utilizados por mim como prática pedagógica em salas de aulas, para desenvolver oficinas com os educandos, ensinou-me muito mais do que eu podia imaginar. Além de se ter a produção deles como uma prática social, temos os processos educativos aqui apresentados, que são alguns dos muitos processos educativos que existem naquele lugar. Então, a partir desta pesquisa, foi possível evidenciar a forma como esses processos ocorrem em uma atividade diferenciada, como as oficinas de fanzines.

Além disso, identificamos como os fanzines permitem momentos de expressão atrás das grades, causando, nos participantes, reflexões possíveis de ações, lembrando-os, principalmente, de quem eles são, dessa forma, contribuindo com o processo de humanização. Para chegar nisso, houve, antes, o entendimento do que é humanização e desumanização, e como isso se dá em um espaço de restrição e privação de liberdade.

Depois da realização de todas as oficinas, ao analisar os resultados delas, pudemos avaliar as produções realizadas, chegando, então, no entendimento da promoção de aprendizagens significativas dos educandos daquela unidade.

Nesta pesquisa também constatamos que há poucos trabalhos sobre fanzines nesses espaços. Portanto, consideramos que é necessário dar mais importância para o tema, já que ele se mostrou relevante em seus resultados.

Esperamos que este trabalho seja lido não só por pessoas da área acadêmica. Mas, principalmente, que ele chegue a pessoas que estão privadas de sua liberdade, inspirando-as e mostrando-as novos caminhos a partir da arte.

Figuras 49 e 50: Ilustrações produzidas por educandos do C.R Jaú



REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Maria Izabel Feitosa. **Catatau, fanzine e poesia: escrita nas prisões cearenses**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2020.

ANDRAUS, Gazy. Zines e artezines: a arte das publicações paratópicas, In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2305-2322.

ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia S. Exterioridade: o outro como critério. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 47-112.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Notas de campo. In: _____. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. p. 150-175.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Resolução nº. 391**, de 10 de maio de 2021. DJe/CNJ nº 120/2021, de 11 de maio de 2021, p. 2-5. Disponível em: <<https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/3918>>. Acesso em: 01/03/2022.

CALDAS, Edla C. R.; ONOFRE, Elenice M. C. Pesquisa decolonial e privação de liberdade: reflexões epistemológicas e metodológicas. **Revista Plurais**, v. 6, p. 34-48, 2021.

COSTA, Sidiney A. Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: WHITAKER, Dulce C. A. (org.). **Sociologia rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 151-157.

COSTA, Daianny Madalena. Comprometimento. In: **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo, R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FEITOSA, Jô; AGUIAR, João Francisco; CURTIS, Thina; SNO, Márcio. **Zines no Cárcere**. Marca de Fantasia, Série Quiosque, 61, 2ª edição. João Pessoa, 2020.

FERNANDES, Cleoni. Confiança. In: **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo, R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FRASSON, Tamires. **Das inconformidades do cotidiano: poesias, versos e relatos**. Jaú: edição da autora, 2019.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Indignação. In: **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo, R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 76ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GUERRA, Paulo; QUINTELA, Pedro. Culturas de resistência e média alternativas: os fanzines punk portugueses. **Sociologia, Problemas e Práticas**, 2016, n. 80, p. 69 - 94.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KITKOSKI, Jaime José. Dialogicidade. In: **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo, R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOPES, Dulcelaine L.; LIMA, Helton S.; COSTA, Sidiney A.; RIBEIRO, Vanderlei. O diário de campo e a memória do pesquisador. In: WHITAKER, Dulce C. A. (org.). **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 113-134.

LOPES, Roseli Esquerdo Lopes; BORBA, Patrícia Leme de Oliveira Borba; MONZELI, Gustavo Artur Monzeli. Expressão livre de jovens por meio do Fanzine: recurso para a terapia ocupacional social. **Saúde Soc. São Paulo**, v.22, n.3, p.937-948, 2013.

MACHADO, Rita de Cássia de Fraga. Autonomia. In: **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo, R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

MINAYO, Maria C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Sueli F.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 9-29.

MOREIRA, Antonio. F. B.; CANDAU, Vera. M. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº 23, p. 156-168, maio/jun/jul/ago, 2003.

NASCIMENTO, Ioneide S. Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, Cellina R. (Org). **Fanzines**: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: edições UFC, 2010, p. 121-133.

OLIVEIRA, Maria W.; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas V. C.; SOUSA, Fabiana R.; VASCONCELOS, Valéria O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 113-141.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

ONOFRE, Elenice M. C.; JULIÃO, Elionaldo F. A educação na prisão como política pública: entre desafios e tarefas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 51-69, jan./mar. 2013.

_____. A prisão: instituição educativa? **Cad. Cedes**, Campinas, v. 36, n. 98, p. 43-59, jan.-abr., 2016.

PINTO, Renato D. **O fanzine na educação**: algumas experiências em sala de aula. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2013.

PITANO, Sandro de Castro. Respeito. In: **Dicionário Paulo Freire**. STRECK, Danilo, R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs). 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SINTONIA DOS DIREITOS. **Fanzine: faça vc mesmo**. YouTube, 11/04/2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=srC5gcUoqXA>>. Acesso em: 10/12/2022.

SOCIEDADE DOS DOCUMENTARISTAS BRASILEIROS. **Documentário - Pro Dia Nascer Feliz**. Youtube, 17/05/2022, produzido em 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C_eaWWegUCI>. Acesso em: 10/04/2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

TRIP TV. **A febre dos zines - #41**. YouTube, 14/05/2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=hCw-WGyxzdY&t=7s>>. Acesso em: 10/12/2022.

TV BRASIL. **Você sabe o que é um fanzine?**. YouTube, 29/07/2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nd8xsioAJBs>>. Acesso em: 10/12/2022.

VIEIRA, Alessandra K. **“Dá nada pra nós” (?)**: o real do encarceramento de adolescentes. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2012, 191 f.

APÊNDICE A – Fanzine: a arte de se comunicar

O que são

Liberdade, underground, ligado a movimentos sociais, artes, música, cinema, quadrinhos, ficção científica, ilustração, poesia. Muita coisa cabe num fanzine, ou zine, numa linguagem mais atual e pop. Não é um livro, não é uma revista, não é literatura de cordel e pode ser tudo isso ao mesmo tempo.

Zine é uma publicação impressa independente, de pequena escala, geralmente produzida por um só autor, autora ou pequeno grupo de pessoas. O objetivo dos zines não é obter lucro com sua venda e distribuição, e sim “espalhar a palavra” de suas e seus autores/as. Zine é expressão, que pode vir em forma de texto, de imagem e de uma combinação de ambos.

O idealizador ou idealizadora de um zine tem a liberdade de adaptá-lo às suas próprias condições e intenções. Número de páginas, conteúdo, formato da publicação e periodicidade da mesma são fatores que não determinam a qualidade de um zine, e sim fazem parte das características de cada um. Através dessa forma de publicação, testar e tentar diversas formas de expressão é mais possível do que em revistas comerciais, por exemplo.

Como se chama mesmo?

A palavra *fanzine* vem da junção de outras duas, em inglês: “*fanatic*” (fã) e “*magazine*” (revista). Revista de fã, foi dessa forma que os fanzines surgiram em meados dos anos 1930, sendo inicialmente produzidos por pessoas fora do meio profissional de publicação, aficionadas por um determinado assunto, em especial pela ficção científica e literatura fantástica.

Zines e os movimentos sociais

Por ser uma publicação independente e de baixo custo, movimentos de contracultura como o punk, no fim dos anos 1970 nos Estados Unidos e Inglaterra, utilizaram os zines como ferramenta de comunicação e resistência. O movimento punk, inclusive, adotou os zines de forma a ter uma expressão específica para eles, os punk zines ou *punkzine*, com conteúdo ligado à literatura e música punk e críticas sociais que instigavam a liberdade individual e o antiautoritaríssimo.

A contracultura, para quem não lembra, foi um grande movimento de

contestação e descontentamento social e cultural, que teve início lá nos anos 1960 e 1970 com significativa participação dos jovens da época. Liberdade amorosa e sexual, fim das guerras e conflitos mundiais, confronto com o capitalismo e críticas à televisão, principal meio de comunicação de massa do período, eram assuntos pautados pela contracultura, que se desenvolveu de diferentes formas em várias partes do mundo.

O fanzine é uma forma bem particular de publicação. Normalmente, os motivos que levam alguém a produzi-lo são variados: vão desde divulgar trabalhos artísticos a manter contato com outras pessoas que tenham interesses em comum. No entanto, quem cria um fanzine quer sempre atuar, estabelecer relações e diálogos a partir de universos artísticos específicos, cujo espaço de divulgação na mídia tradicional é restrito.

As temáticas de um fanzine são variadas. Fazer um fanzine é apropriar-se de diversas manifestações artísticas e de diferentes expressões culturais por meio das artes plásticas, da música, da literatura, do cinema etc. Por meio dessas publicações, é possível conhecer diferentes formas de arte, apreciá-las e aprender a expressar-se criativamente a partir delas. Quem produz um fanzine quer criar vias, meios de apropriar-se e de dialogar com manifestações sem espaço de circulação. Por meio das publicações independentes, o zineiro conhece, aprecia, apreende e faz parte de diferentes manifestações: ele cria um diálogo que anteriormente não existia.

Portanto, ensinar a ler e a produzir fanzines é permitir que os alunos criem e estabeleçam um diálogo que normalmente não lhes é garantido: é permitir-lhes ter voz no contexto de ensino/aprendizado a partir do seu próprio universo cultural. A partir da produção de um fanzine, o aluno pode escolher sobre o assunto que ele quer estudar, ler e produzir. Fato que faz dele uma forma particular de aprendizado, gerando um ambiente propício a expressões e apreciações estéticas variadas, já que só se pode apreciar a partir de certos critérios estéticos.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO⁴

(Resolução CNS 510/2016)

FANZINES COMO INSTRUMENTO DE EXPRESSÃO ATRÁS DAS GRADES: PROCESSOS EDUCATIVOS ATRAVÉS DA ARTE

Eu, Tamires Fernanda Baptista Frasson, estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, o (a) convido a participar da pesquisa, “Fanzines como instrumento de expressão atrás das grades: processos educativos através da arte”, orientado pela Prof^a. Dra. Elenice Maria Cammarosano Onofre.

A questão de pesquisa que norteia nosso estudo é: que processos educativos podem ocorrer em oficinas de fanzines realizadas com educandos de um Centro de Ressocialização? O objetivo geral deste estudo é analisar os processos educativos que podem emergir a partir da produção de fanzines em oficinas realizadas com educandos em um espaço de restrição e privação de liberdade.

Esperamos que os resultados deste estudo possam evidenciar aprendizagens significativas para os educandos a partir da interdisciplinaridade entre o ensino da Arte e do Português; trazer compreensões acerca de como os fanzines podem permitir momentos de expressão e contribuir com o processo de humanização dos participantes e como percebem suas produções; fomentar o uso de práticas não escolares em diálogo com as escolares em espaços de privação de liberdade.

Você foi selecionado por ser educando matriculado nas aulas regulares ministradas na Unidade do Centro de Ressocialização de Jaú/SP, onde o estudo será realizado, o que nos leva ao convite de você compartilhar conosco suas experiências nas oficinas que serão propostas nesta pesquisa.

⁴ VERSÃO03_TCLE_Fevereiro/2023

Caso seja autorizada a participação presencial e você queira colaborar com a pesquisa, para nossa segurança é obrigatório que apresente o comprovante de vacinação contra a COVID-19 e da mesma forma apresentaremos nosso comprovante de vacinação. Além do comprovante de vacinação, adotaremos outras medidas preventivas obrigatórias para evitar o contágio pela COVID-19. Entre as medidas, durante a colaboração presencial, pretendemos sugerir o uso de máscaras para cobrir boca e nariz, o distanciamento social e demais cuidados, de acordo com as normas estabelecidas na unidade.

Caso esteja de acordo com as medidas sanitárias obrigatórias, você fica convidado a participar das atividades nas oficinas, nas quais pretendemos analisar os processos educativos que emergem da produção de fanzines em oficinas realizadas com educandos em privação de liberdade.

Durante o processo da recolha de dados empíricos, pretendemos nos reunir para discutir sobre nossas percepções comuns acerca das atividades artísticas que foram acontecendo nas oficinas. Serão um total de 7 (sete) oficinas, com tempo estimado de 2 horas e meia para cada encontro. Inicialmente, os participantes terão contato com um momento teórico, para conhecer mais sobre fanzine, gêneros textuais e os processos de desenvolvimento das oficinas. Após, as oficinas acontecerão de forma prática.

Nossas proposições não serão invasivas à intimidade dos colaboradores. Entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais ou constrangimento e intimidação pelo fato de a pesquisadora trabalhar no C.R como docente. Caso isso ocorra, o participante terá a liberdade para escolher não continuar participando das oficinas.

Cabe ressaltar que toda pesquisa que envolve pessoas apresenta riscos, entretanto, é necessário afirmar que todos eles podem ser minimizados, adotando-se procedimentos éticos, tomando os cuidados necessários e as precauções necessárias para eventualidades que possam surgir no decorrer da pesquisa, salientando que toda a atenção será dada ao ocorrido.

Não obstante, os participantes têm o direito a ressarcimento e indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa e devidamente comprovados, conforme estabelece a Resolução 466/12 Art. II.7.

Tudo foi planejado para minimizar tais riscos da participação, sendo ainda que,

caso o participante desejar, poderá interromper a qualquer momento sua participação e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação à pesquisadora, à Unidade prisional ou à Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Esclarece-se, ainda, que todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Sua identidade será preservada, isto é, em vez de seu nome, será usado um nome fictício, letra ou número para identificá-lo (a). O material coletado será guardado por cinco anos em lugar seguro, após o que será incinerado.

O acompanhamento e assistência aos participantes poderão ser solicitados durante os momentos de oficina, dando-se através de escutas individuais. Assim, os participantes poderão questionar sobre o desenvolvimento das oficinas, comentar sobre acontecimentos que se deram também nos momentos das oficinas, além de compreender os benefícios que os resultados da pesquisa poderão proporcionar.

Sua participação na pesquisa contribuirá na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando informações e discussões sobre a arte como uma ferramenta para potencializar o campo da educação, sugerindo políticas educacionais para os espaços de privação de liberdade. Sua participação é voluntária, sem compensação de qualquer natureza.

Os resultados da pesquisa poderão ser acessados por meio de publicações científicas e no texto final da Dissertação de Mestrado que será disponibilizado no repositório da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, e uma cópia será entregue no C.R de Jahu/São Paulo.

Você receberá uma cópia deste termo, onde constam os dados documentais da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, durante ou depois do desenvolvimento do mesmo.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da

universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos).
Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP.
Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento:
das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, provadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam.
Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisadora Responsável: Tamires Fernanda Baptista Frasson

Endereço: Rua Amadeu Morelli, 311 – Jardim Itatiaia – Jaú – S.P.

Contato telefônico: (14) 99609-7344. E-mail:

tamiresfrasson@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e data: _____

Pesquisadora

Participante

ANEXO A - Termo de obtenção de anuência para realização de pesquisas



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria da Administração Penitenciária

TERMO DE OBTENÇÃO DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISAS

Trata o presente, sobre a solicitação de pesquisa formulada por Tamires Fernanda Baptista Frasson, RG nº 48.943.937-8, responsável pela pesquisa intitulada "Fanzines como instrumento de expressão atrás das grades: processos educativos através da arte", a ser realizada no Centro de Ressocialização "Dr. João Eduardo Franco Perlati" de Jaú.

Informo que o pedido está instruído com os documentos necessários, entre eles consta o parecer consubstanciado do Comitê de Ética desta Secretaria, e após análise manifesto-me **favorável** à realização da pesquisa.

Dessa forma, submeto ao Gabinete do Sr. Coordenador, para apreciação.

GRATE, 17 de fevereiro de 2023.


JANSER RICARDO GONÇALVES
Diretor do Grupo Regional de Ações de Trabalho e Educação

DESPACHO DO COORDENADOR

Em restrito cumprimento a Resolução SAP nº 162/2022, de 28 de dezembro de 2022, **concedo anuência à realização da proposta do projeto de pesquisa**, no Centro de Ressocialização "Dr. João Eduardo Franco Perlati" de Jaú.

Gabinete do Coordenador, 17 de fevereiro de 2023.


CARLOS ALBERTO FERREIRA DE SOUZA
Coordenador de Unidades Prisionais da Região Noroeste do Estado